FARMÁCIA PORTUGUESA

238

PELA LIBERDADE DE ESCOLHA

90% dos doentes dos hospitais querem escolher a sua farmácia

PELA IGUALDADE NA SAÚDE

Parlamento recomenda ao Governo negociação de serviços farmacêuticos

PELA SOLIDARIEDADE

Farmácias reforçam em 8M€ crédito aos portugueses no pico da pandemia

MÃOS À OBRA

MONTEPIO NACIONAL DA FARMÁCIA

1985-2020

MONAF 35 ANOS

REFORMA · PREVIDÊNCIA · POUPANÇA · CAPITALIZAÇÃO

CONTAMOS COM TODOS
PARA CONTINUAR A CRESCER

MONTEPIO NACIONAL DA FARMÁCIA, A.S.M.
Rua Marechal Saldanha, 1 | 1249-069 Lisboa | Telf.: 213 400 690 - 213 400 693
monaf@monaf.pt

©TIAGO MACHADO

DUARTE SANTOS

PROVA REAL

Ainda não vencemos, mas vamos seguramente vencer a COVID-19.

A pandemia ofereceu ao sistema de saúde uma oportunidade de ouro para se ver ao espelho, descobrir as próprias forças e encarar os problemas.

Ficou evidente que temos grandes profissionais.

Médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica, os meus colegas farmacêuticos hospitalares e toda a sorte de colaboradores dos nossos hospitais mostraram valentia e competência.

Essa batalha está ganha.

Os cidadãos também se comportaram com um civismo incrível. Anteciparam as medidas de higiene, distanciamento social e confinamento em casa. De um dia para o outro, incorporaram comportamentos que pareciam vedados à nossa cultura.

Essa é outra batalha ganha.

Ficaram também evidentes vários problemas.

O nosso sistema de saúde precisa de maior investimento, em profissionais e equipamentos, melhor informação e outro planeamento.

Poderíamos ter sido ainda mais eficientes a quebrar cadeias de contágio. Esperemos que não, mas é provável que precisemos de o ser no futuro.

Deveríamos ter sido capazes de continuar a tratar os outros doentes, que são a maioria. Todos sabemos que sofremos mortes e complicações de saúde que poderiam ter sido evitadas.

Essas batalhas também têm de ser ganhas.

O nosso sistema de saúde precisa de níveis de investimento e de padrões de organização adequados a um país desenvolvido, com a sua honrosa tradição em Saúde Pública.

A pandemia também pôs à prova a rede de farmácias, num momento especialmente delicado.

Os farmacêuticos comunitários e as suas equipas estão saturados de uma década – mais! – de austeridade e de esforço inglório para serem compreendidos, respeitados e bem aproveitados pelo país.

A rede tem fragilidades inaceitáveis. Uma em cada quatro farmácias enfrenta processos de insolvência e de penhora. Sete, em cada dez, chegam ao fim do ano e contabilizam prejuízos pelo serviço público de dispensa de medicamentos comparticipados pelo Estado e o aconselhamento aos doentes.

Apesar disto, a rede respondeu de imediato.

Adoptou procedimentos técnicos que foram seguidos e traduzidos em todas as línguas do mundo.

Criou uma linha nacional gratuita para os cidadãos encomendarem medicamentos 24 horas por dia.

Foi a primeira cadeia de serviços a garantir entregas ao domicílio em todo o território.

Reforçou em 7,8 milhões de euros a dispensa de medicamentos a crédito no mês de Março, evitando a interrupção de tratamentos dos cidadãos com maior fragilidade económica e dificuldade de acesso a consultas médicas.

Garantiu a dispensa de medicamentos aos doentes mais frágeis, evitando 14 voltas ao mundo em deslocações desnecessárias aos hospitais.

A prova dispensa elogios ou adjectivos.

Felizmente, estes factos coincidiram com o debate parlamentar da petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS".

Ficaram provadas as razões por que as farmácias são indispensáveis à sobrevivência, desenvolvimento e fortalecimento do SNS.

www.revistasauda.pt

Director
Duarte Santos

Director-adjunto – Editorial
Carlos Enes

Director-adjunto – Marketing
Fausto Ferreira

Subdirectora Editorial
Maria Jorge Costa

Editor de Fotografia
Pedro Loureiro

Capa
Ricardo Castelo

Responsável de Marketing
Susana Martins de Almeida

Redacção
Carina Machado
Irina Fernandes
Nuno Esteves
Patrícia Fernandes
Pedro Veiga
Rita Leça
Sandra Costa
Sónia Balasteiro
Vera Pimenta

Redacção Online
Marta Rodrigues

Jornalista Convidado
Paulo Martins

Arquivo Elephante
João Mendes
Manuel Raposeiro
Ricardo Martins

Secretária de Redacção
Paula Cristina Santos
comunicacao@anf.pt

Direcção de Arte e Paginação
Ideias com Peso

Projecto Editorial
Departamento de Comunicação
da Associação Nacional das Farmácias

Projecto Gráfico
Ideias com Peso

Periodicidade: Bimestral
Tiragem: 5.000 exemplares

Impressão e acabamento
Lidergraf Sustainable Printing

Publicidade
comercial@sauda.pt | 213 400 706

Assinaturas
1 ano (6 edições): 60 euros
Estudantes de Farmácia: 20 euros

FARMÁCIA PORTUGUESA
é uma publicação da
Associação Nacional das Farmácias
Rua Marechal Saldanha, 1
1249-069 Lisboa

anf
Associação Nacional das Farmácias

Esta revista é escrita de acordo com a antiga ortografia.
Todos os direitos reservados.

10:

16:

©RICARDO CASTELO

26:

JAN/JUN 2020 : 238

As farmácias interromperam a produção das suas revistas em papel como medida de Saúde Pública, apostando na comunicação por meios digitais. Por isso, esta edição da Farmácia Portuguesa, excepcionalmente, corresponde ao primeiro semestre do ano.

VENCER A COVID-19

6 AS LUSÍADAS

10 IRMÃS DE ARMAS
Mulheres farmacêuticas mais fortes do que o vírus

14 FARMÁCIAS SUPERAM EXPECTATIVAS
Sondagens Spirituc e Universidade Católica Portuguesa

16 A ÁRVORE DA NATAL
2.922 farmácias de luz acesa em todo o território.

25 MEDICAMENTOS? LIGUE 1400

26 VÍRUS DA LIBERDADE
Doentes conquistam direito a escolher a sua farmácia.

32 ESCOLHA LIVRE
Inquérito aos utentes Operação Luz Verde

34 PANDEMIA DE SOLIDARIEDADE

42 MADE IN PORTUGAL
Guião português adoptado em todo o mundo.

SALVAR AS FARMÁCIAS

44 POÇO SEM FUNDO
O agravamento de prejuízos da farmácia média.

48 23 MINUTOS DE UNIÃO

50 APELO AO PARLAMENTO

52 UM RARO CONSENSO

ENTREVISTA

56 «NÃO ESTAMOS A USAR AS FARMÁCIAS DEVIDAMENTE»
Fernando Araújo, Presidente do Centro Hospitalar Universitário de São João

INTERNACIONAL

68 MUNDO USA FARMÁCIAS CONTRA O VÍRUS

70 SAÚDE AQUI À MÃO
OMS e OCDE recomendam soluções de proximidade.

MUSEU DA FARMÁCIA

72 UM MUNDO DE MÁSCARAS

COPIADOR

76 LIVRO DE REGISTOS DA FARMÁCIA PORTUGUESA

FARMACÊUTICO COM VIDA

80 O DELEGADO VINTAGE
José Aires Raposo

MEMÓRIA

84 A FARMACÊUTICA LIVRE
Alzira Lemos

FARMACÊUTICA CONVIDA

88 300 DIAS DE AZUL
Bráulio Bota, em Tavira

ENTRE NÓS

98 23 MINUTOS DE ESPERANÇA
Paulo Cleto Duarte

AS LUSÍADAS

©RICARDO CASTELO

HÁ COMBATES CORPO A CORPO NAS TRÊS MIL E UMA TERRAS PORTUGUESAS ONDE UMA FARMÁCIA RESISTE, DIZ NÃO À DESERTIFICAÇÃO, NUNCA MAIS À DESIGUALDADE

©PEDRO LOUREIRO

Quinta-feira, 19 de Março de 2020. Portugal decreta o estado de emergência. Em Matosinhos, encerra a quinta farmácia devido a casos de infecção pelo novo coronavírus na própria equipa. A rede entra em estado de alerta. A Associação Nacional das Farmácias emite um comunicado pedindo «aos cidadãos com sintomas suspeitos de COVID-19» para «contactarem primeiro a linha SNS24».

Dezoito mil e um farmacêuticos e técnicos de farmácia continuam, como sempre, a atender toda a gente, sem filtro ou triagem. Uns estão de porta aberta, outros ao postigo. O pior é que muitos ficaram sem máscaras, álcool e outros equipamentos básicos de protecção individual.

O risco é real, tão real como desconhecido. As pessoas estão habituadas a esclarecer na sua farmácia os primeiros sintomas de uma infecção respiratória, sobretudo nos sítios onde não há médico disponível. Aos idosos, avessos a mudar rotinas, quando as suas chamadas para o SNS24 não são logo atendidas, ninguém lhes peça para enviarem um e-mail e ficarem sossegados em casa.

Na linha da frente, os hospitais resistem como os castelos dourados da bandeira nacional. Os dias passam e não vêm abaixo, ao contrário do que aconteceu a alguns aliados em Madrid e na Lombardia, que espalham terror nas televisões e pavor nas redes sociais.

Há combates corpo a corpo de Melgaço à ilha do Corvo, de Moncorvo à ponta de Sagres, nas três mil e uma terras portugueses onde uma farmácia resiste, diz não à desertificação, nunca mais à desigualdade, jamais no direito à Saúde.

A guerra é mundial e ao mesmo tempo civil. Para vencer o inimigo, cada cidadão vai ter de se comportar como um soldado. Qualquer gesto pode tornar-se numa escolha entra a vida e a morte.

O grande objectivo nacional é manter os cidadãos, em particular os idosos e doentes de risco, em casa. O que poderá a maior rede de Saúde Pública, há dez anos em crise, fazer agora por isso?

A GUERRA É MUNDIAL E AO MESMO TEMPO CIVIL

Sexta-feira, 20 de Março de 2020. O estado de emergência foi decretado há 24 horas. A farmacêutica-adjunta Marta Felgueiras, de 34 anos, saiu de casa às sete e pouco. Pareceu-lhe que o mundo se tinha posto de pernas para o ar e deixado cair as pessoas. As praças e avenidas desertas de Lisboa não eram as mesmas da feliz viagem de regresso da maternidade, que oito meses passados recorda intacta no coração.

Quando meteu a chave à porta da farmácia, o pó das obras na rua invadiu as vitrines e o chão branquinho, em calçada portuguesa, que as pessoas tanto elogiam no estabelecimento. Ainda no escuro, veio-lhe à cabeça o filho, pela primeira vez na vida como uma recordação.

– *Pensei que estava a correr riscos. Mas foi só um medo inicial, depois passou.*

A Farmácia Leitão Ribeiro, na Pontinha, ficou a semana toda de portas trancadas. O proprietário testou positivo no sábado, 14, ao novo coronavírus. Toda a equipa continua retida em casa, de quarentena. Bem, toda, toda, não. Porque ela é farmacêutica e vai abrir a farmácia sozinha.

Já não punha os pés no serviço há quase um ano. Aos sete meses de gravidez, o médico obrigou-a a meter baixa. O Rafael, primeiro filho, nasceu em 21 de Julho e

IRMÃS DE ARMAS

Mulheres farmacêuticas mais fortes do que o vírus.

TEXTO:
CARLOS ENES

FOTOGRAFIA:
PEDRO LOUREIRO

«PENSEI QUE ESTAVA A CORRER RISCOS. MAS FOI SÓ UM MEDO INICIAL, DEPOIS PASSOU»

ainda é amamentado. Marta ia começar a gozar férias, coladas à licença de parto, quando um sentimento de urgência lhe iluminou o espírito e incendiou o coração.

– As pessoas precisavam da farmácia e a farmácia precisava de mim.

Mãe de primeira viagem, voltou a sentir-se farmacêutica à frente da televisão. As imagens de centenas de caixões em Itália, agarradas à curva de contágios portuguesa, forçaram-na a despertar do pesadelo com a consciência profissional.

– Não podia continuar a ver as notícias sem fazer nada, sentia-me inútil.

Marta Felgueiras separou-se pela primeira vez do filho, de 8 meses, para reabrir sozinha uma farmácia fechada devido à pandemia

SENTIU QUE ERA PROVÁVEL ESTAR INFECTADA. TEVE MEDO DE NÃO VOLTAR A VER OS FILHOS

Pensou muito e pensou rápido. Expôs ao marido o seu ousado plano de abrir a farmácia sozinha. Pegou no telemóvel e fez a mesma pergunta à mãe. De ambos obteve as bênçãos que esperava.

– Se podes fazer alguma coisa, faz.

A sua primeira tarefa foi de balde e esfregão, a devolver o asseio ao serviço. Depois agarrou-se ao desinfectante, até se sentir segura da assepsia própria de uma farmácia. Às nove da manhã, em ponto, de máscara e luvas cirúrgicas, abriu o postigo e começou a atender uma fila de clientes incessante, ininterrupta, infinita.

A directora-técnica, Ana Pirraça, 41 anos, nunca a deixou sentir-se sozinha. Esteve sempre a apoiá-la ao telefone e ao computador, a partir de casa. Também ela estava a viver os dias mais angustiantes da sua vida. É uma doente de risco, devido a uma hipertensão diagnosticada há quatro anos. Três dias antes do proprietário testar positivo, esteve com ele noite dentro no interior da farmácia, a afixar cintas e cartazes, para as pessoas guardarem distância higiénica umas das outras. Já devia estar doente, porque se queixou de dores de garganta.

No domingo, quando ele telefonou a dar a má notícia, Ana esforçou-se por lhe passar uma mensagem de segurança e tranquilidade. Assim que desligou a chamada, um nó sufocante apertou-lhe a garganta. Sentiu que era provável estar infectada e que, se assim fosse, a maldita pneumonia fulminante era um desenvolvimento possível. Vieram-lhe à cabeça os filhos, de nove e 12 anos. Deixara-os em casa de familiares no Alentejo, precisamente para os proteger de uma infecção que pudesse contrair a trabalhar. No pior cenário, pensou que poderia não os voltar a ver. O nó na garganta mergulhou fundo e desatou a correr-lhe no coração.

Sensível como nunca, a iniciativa de Marta Felgueiras deixou-a profundamente comovida. E também a encheu de uma força descomunal para engolir o medo e chefiar a equipa no pior momento.

– Só a doença me pode tirar da farmácia, porque é aqui que eu gosto de estar.

Ana Pirraça e Marta Felgueiras impressionam pela modéstia própria e a admiração recíproca

Ana Pirraça dissolveu em teletrabalho, na casa vazia dos filhos, a angústia dos arrastados 14 dias de quarentena. Chamou a si as encomendas e a relação com os fornecedores. Assistiu, com indignação e pasmo, à subida em flecha dos preços propostos às farmácias, por parte de fornecedores de ocasião, para a aquisição de equipamentos de protecção individual. Mandou diluir a 70%, segundo as normas da farmacopeia, as garrafas de álcool a 96% que tinha de reserva. E não olhou a custos para garantir luvas e máscaras.

– *Comprei a valores absurdos e especulativos, mas nunca deixámos de ter esse material para salvaguarda da equipa.*

O que mais impressiona nas duas farmacêuticas é a modéstia própria, proporcional à admiração mútua.

– *A dra. Marta foi uma guerreira, teve um acto digno de louvor.*

– *A minha história, comparada com a da dra. Ana, não tem nada de especial. Ela é que está sem poder dar um beijo e um abraço aos filhos, eu não.*

A Farmácia Leitão Ribeiro venceu o novo coronavírus. Aqui, o inimigo só forjou irmãs de armas.

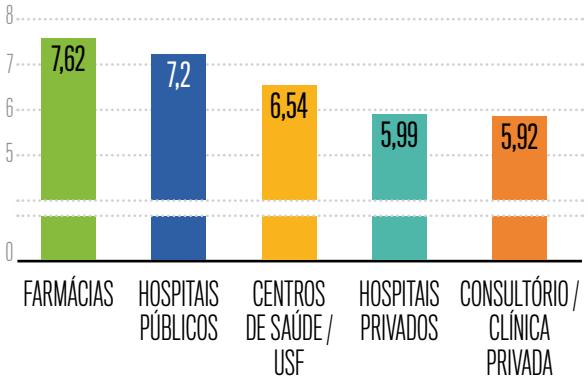
Ao postigo, atendeu sozinha centenas de pessoas

«SÓ A DOENÇA ME PODE TIRAR DA FARMÁCIA, É AQUI QUE EU GOSTO DE ESTAR»

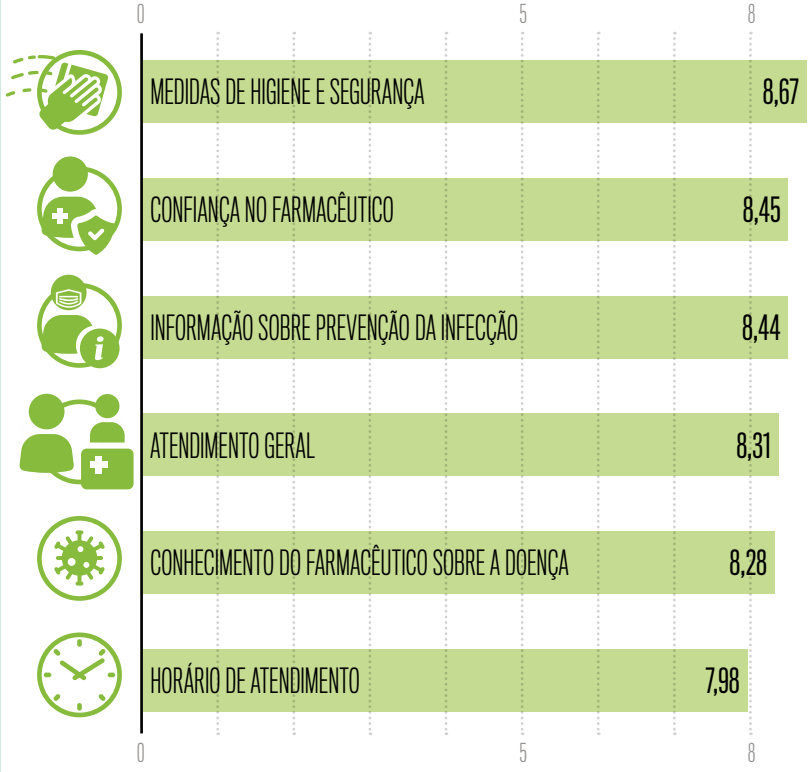
FARMÁCIAS SUPERAM EXPECTATIVAS

Sondagem Spirituc revela reconhecimento dos portugueses.

DESEMPENHO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE DURANTE A PANDEMIA *0 - 10*

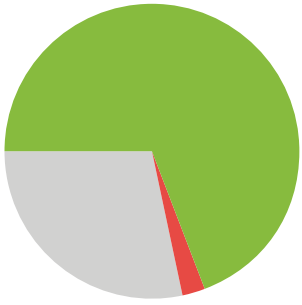


SATISFAÇÃO COM FARMÁCIA *0 - 10*



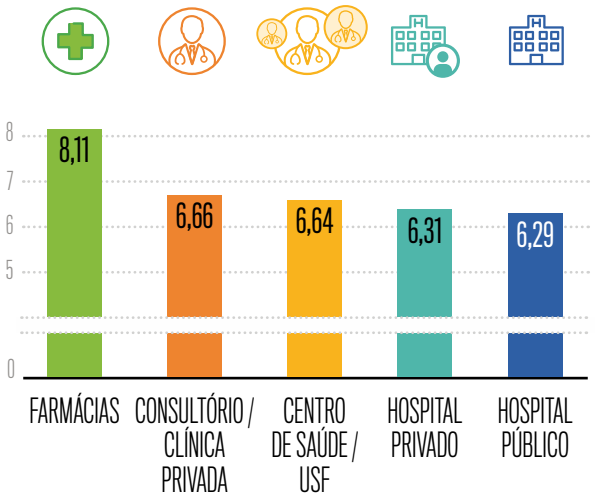
A SUA FARMÁCIA

69,4%
ULTRAPASSOU AS EXPECTATIVAS



2,4%
AQUÉM DAS EXPECTATIVAS

SENTIMENTO DE SEGURANÇA NAS VISITAS 0 - 10



IMPORTÂNCIA 0 - 10

LINHA 1400

Chamadas gratuitas para encomenda de medicamentos

8,74

OPERAÇÃO LUZ VERDE

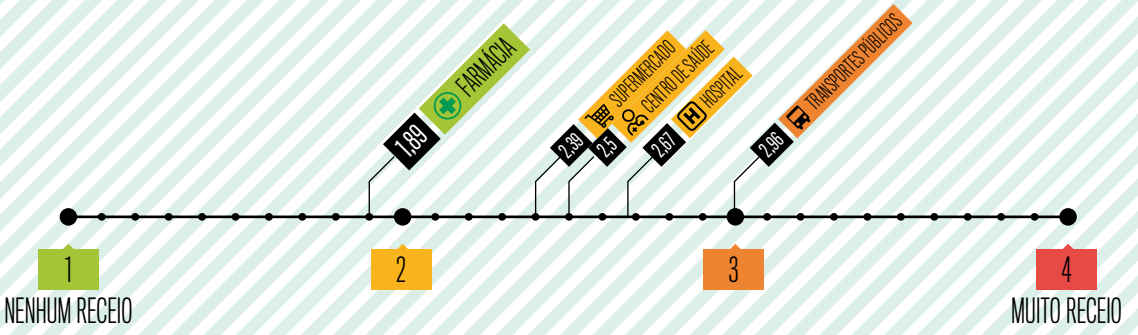
Acesso a medicamentos dos hospitais nas farmácias comunitárias

9,02

FICHA TÉCNICA: Inquérito Spirituc à população residente em território nacional com idade igual ou superior a 18 anos. Foram aplicados 1.009 inquéritos online através de sistema CAWI (*Computer Assisted Web Interview*) sendo a amostra estratificada por género, idade e região de residência, tendo por referência os dados INE. À amostra global (N=1.009) corresponde uma margem de erro de ± 3,09% para um intervalo de confiança de 95%. O trabalho de campo decorreu entre os dias 20 e 26 de Maio de 2020.

FARMÁCIA É O LOCAL MAIS SEGURO

Sondagem da Universidade Católica confirma confiança dos portugueses.



Fonte: CESOP, Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa. Inquérito telefónico para redes móvel e fixa a maiores de 18 anos, realizado de 6 a 11 de Maio. 898 inquéritos válidos. Margem de erro máximo de 3,3%, com um nível de confiança de 95%.

A ÁRVORE DE NATAL

2.923 farmácias de luz acesa contra o vírus em todo o território

REPORTAGEM: *CARLOS ENES, IRINA FERNANDES, PAULO MARTINS, RITA LEÇA, SANDRA COSTA E VERA PIMENTA*

Maria Sameiro Rosa recorreu à Farmácia Carapeços em momentos de aflição com as crises de asma do filho

©RICARDO CASTELO

Estamos seis quilómetros acima de Barcelos, numa daquelas terras do Minho que mudam qualquer coisa ao longo do tempo para nunca perderem o essencial. Este vale já era habitado na época dos romanos, como prova a moeda de bronze com a carantonha inconfundível do imperador Maximino Daia encontrada no castro da Picarreira. Em Carapeços, convivem em perfeita harmonia as ruínas de sete moradias em pedra desse povoado de há 1.700 anos, casas antigas de aldeia e modernas vivendas suburbanas em betão armado. Ao contrário do que aconteceu por esse Portugal adentro, a escola primária resiste e os comboios ainda param no apeadeiro. Para além disso, a freguesia, com mais de dois mil habitantes, tem fanfarra, grupo de teatro e estádio com relvado sintético. No último jogo antes do fim abrupto do campeonato, os rapazes da terra despacharam por nove a zero o Fonte Coberta.

Este enquadramento está mesmo a pedir uma farmácia. Maria Sameiro Rosa é utente há mais de 20 anos.

«EU SINTO QUE A FARMÁCIA É DOS LOCAIS MAIS SEGUROS PARA SE ESTAR»

Foi lá que tantas vezes esclareceu dúvidas e resolveu momentos de aflição com as crises de asma do filho mais novo. Quando rebentou a pandemia, recolheu-se com respeito e deixou de entrar em casa dos pais, ambos doentes de risco. Mata as saudades à distância, em voz alta: «A minha mãe grita: "Queres ovos?". Depois pousa-os no fundo do quintal e eu vou lá buscá-los».

A farmácia faz entregas ao domicílio, através da linha gratuita 1400. Ela prefere iri lá, porque em tempo de

©RICARDO CASTELO

Farmácia faz entregas ao domicílio, através da linha gratuita 1400

«AS PESSOAS SEGUEM OS CONSELHOS, SE VIEREM DA FARMÁCIA»

pandemia assumiu a responsabilidade de abastecer a sua casa, mas também a dos pais, de tudo o que faz falta. «Eu sinto que a farmácia é dos locais mais seguros para se estar», afirma Maria Rosa. Dantes entrava a qualquer hora, às vezes só para cumprimentar a equipa, agora liga primeiro a agendar as visitas. O que mais a preocupa são as idas ao supermercado. «Quando chego a casa desinfecto as embalagens, deixo-as a arejar e vou tomar banho», relata a operária fabril, de 45 anos.

De um dia para o outro, a Farmácia Carapeços levantou uma parede de acrílico e marcou no chão, a um metro do balcão, barras vermelhas. Só entram três pessoas de cada vez, uma por posto de atendimento, e guardam essa distância. As novas regras são respeitadas por todos, sem excepção. «A farmácia sempre foi um ponto de apoio à comunidade», expõe o farmacêutico Francisco Pinto Coelho, «e agora assume um peso ainda maior». Conta ele que foi preciso «acalmar pessoas que entraram em pânico», assim como «chamar à razão quem não entendeu logo o risco da pandemia e a importância de seguir as recomendações da Direcção-Geral de Saúde». E terá conseguido? «As pessoas ouvem-nos», responde, sem hesitar, o farmacêutico.

«As pessoas seguem os conselhos, se vierem da farmácia», concorda Célio Rebolo, que há ano e meio regressou a Curral das Freiras, aldeia encantada cravada nas escarpas da ilha da Madeira. «Fiquei impressionado com a firmeza da doutora Ana quando nos disse que era preciso fazer isto, mais isto e aquilo porque a situação era grave», relata o ex-emigrante, que durante 20 anos trabalhou como segurança privado em Londres. A pandemia de COVID-19 levou com ela os turistas e fechou a escola, as lojinhas de artefactos regionais, os cafés e restaurantes, os poucos negócios familiares. O centro de saúde reduziu o horário a três manhãs por semana – e os serviços à enfermagem e ao secretariado.

A equipa de quatro profissionais da Farmácia do Vale anda numa azáfama. Aqui ainda há analfabetismo e farta iliteracia. Muita gente não sabe usar recursos digitais, como o e-mail ou as redes sociais, nem consegue ler o papel afixado na porta do posto de saúde, indicando o novo horário. As pessoas precisam de uma cara, de alguém que as oiça e oriente quanto às radicais e repentinas alterações de comportamento impostas pela pandemia. Procuram a farmácia ansiosas, cheias de dúvidas e de medos. É aqui que se habituaram a resolver os seus problemas, de saúde e os outros. Perguntam quando os técnicos da Segurança Social virão a Curral das Freiras. Por vezes até telefonam, antes de saírem de casa, só para confirmar se

©DR

Célio Rebolo ficou «impressionado com a firmeza» da farmacêutica do Curral das Freiras

Em Curral das Freiras, Madeira, as pessoas procuram a farmácia ansiosas, cheias de dúvidas e de medos

Ana Ornelas manteve a farmácia aberta quando o centro de saúde reduziu o horário

©PEDRO FARIA

«A FARMÁCIA É A ÚNICA LUZ ACESA»

o supermercado está aberto. «A farmácia é a única luz acesa», descreve a farmacêutica Ana Ornelas, com um brilho nos olhos.

No continente e nas ilhas, 2.923 farmácias iluminaram Portugal como uma gigantesca e harmoniosa árvore de Natal, sem pontos escuros. Ainda no mês de Março, a rede lançou um centro de atendimento nacional. Com uma chamada telefónica para o 1400, gratuita a partir de qualquer rede, os portugueses podem encomendar medicamentos 24 horas por dia. O serviço informa quais as farmácias de proximidade com os fármacos disponíveis, o que ajuda os doentes a resolver os problemas causados pelas falhas de abastecimento do mercado.

Foi o caso de Custódio Sousa, que correu várias farmácias à procura de um medicamento urgente para a filha, até que uma farmacêutica o aconselhou a ligar 1400. Foi remédio santo. Em poucos minutos reservou uma embalagem na Farmácia Nova Alverca. «Poupei imenso tempo» – conta – «se não fosse assim, teria de continuar a correr farmácias para ver onde havia». «É uma iniciativa que protege os doentes de risco», considera a directora-técnica, Graça Vieira. Já atendeu vários utentes encaminhados pela linha, inclusivamente uma senhora do concelho da Lourinhã que não encontrou solução mais perto. Enviou-lhe o medicamento para casa, a mais de 60 quilómetros de distância. Um protocolo com os CTT garante medicamentos ao domicílio, em todo o país, com o devido aconselhamento farmacêutico, prestado por telefone.

Centenas de farmácias já antes entregavam medicação em casa, muitas sem cobrar por isso. O serviço generalizou-se à medida que a pandemia cavalgou. Para Sílvia Bentes, não é novidade palmilhar sete aldeias do concelho de Alandroal. Qual cavalo alado, a Renault 4L branca está habituada ao esforço. «Dividimos as viagens

Custódio encontrou o medicamento de que precisava com uma chamada gratuita para a linha 1400

«DIVIDIMOS AS VIAGENS UM DIA PARA CADA ALDEIA»

um dia para cada aldeia», explica a directora-técnica da Farmácia Santiago Maior, na Aldeia de Pias. Sete dias por semana, 365 dias por ano. Há luzes que nunca se apagam.

«Graças a Deus que temos a Lurdes. Graças a Deus!», profere em uníssono o casal de septuagenários Maria da Conceição e Abel Zamora. São ambos diabéticos e vivem sozinhos em Vale das Fontes. Há 13 anos que a técnica de farmácia Lurdes Maia percorre as estradas quase vazias das 104 aldeias do concelho de Vinhais a dispensar medicamentos ao domicílio. «É o nosso anjo da guarda», repetem Abel e Maria, reconhecidos.

Medicamentos e aconselhamento farmacêutico ao domicílio são armas estratégicas contra a pandemia, em particular em meio urbano, onde o risco de contágio é maior. «Ter um farmacêutico sempre disponível é muito bom e os utentes compreendem isso, agora mais do que nunca. Ao mesmo tempo, o sistema promove a verdadeira adesão à terapêutica», afirma Anabela Mascarenhas, directora-técnica da Farmácia Saúde, da Figueira da Foz.

As visitas dos farmacêuticos são particularmente importantes para os idosos, assustados com o terror diário exibido na televisão. «Prefiro ficar aqui a olhar para os passarinhos e as galinhas do que arranjar um passaporte para o outro lado», graceja Alberto Lima, 76 anos, a voz sorridente através da linha telefónica. Ele e a mulher, Lurdes, de 69, padecem ambos de males «inerentes ao bilhete de identidade»: colesterol e tensão arterial elevada. Ele, como muitos homens da sua idade, soma ainda problemas na próstata. Por isso, ainda antes de o Governo declarar o estado de emergência, fecharam o café de que são proprietários e confinaram-se voluntariamente no palmo de terra do quintal de casa, em Cabeçais, concelho de Arouca. Ocupam os dias a apanhar fruta, a arrancar ervas e a tratar dos cães, galinhas e ovelhas. Contam com os filhos para os abastecer de supermercado e com o farmacêutico de uma aldeia vizinha para manter a medicação em dia. «Faço-o com o maior dos gostos. Mais ainda agora. É o meu pequeno contributo para minimizar um

As visitas dos farmacêuticos são particularmente importantes para os idosos, assustados com o terror diário exibido na televisão

© DR

A carrinha 4L percorre sete aldeias do Alandroal a entregar medicamentos

© DR

«É O NOSSO ANJO DA GUARDA», REPETEM ABEL E MARIA, RECONHECIDOS

A Farmácia Albuquerque, em Vinhais, desinfecta as mãos aos clientes a cada entrega de medicamentos ao postigo ou ao domicílio

«Graças a Deus que temos a Lurdes. Graças a Deus!», afirma o casal de septuagenários Maria da Conceição e Abel Zamora

problema de tão grande dimensão», explica José Miguel Sousa, director-técnico da Farmácia Central, de Escariz.

Em Souselo, bonita localidade na margem dos rios Douro e Paiva, a extensão de saúde encerrou por causa da COVID-19. Os médicos foram concentrados em Cinfães. Consultas médicas, só ao telefone. As duas clínicas privadas também fecharam. A Farmácia Ferreira foi o único serviço de saúde que se manteve em funcionamento. No início da pandemia, produziu e enviou a quatro mil famílias, via CTT, um folheto apelando a manterem-se o mais possível em casa. A farmácia assumiu o compromisso de ficar sempre contactável, por telefone, e-mail e redes sociais. «Fomos muito procurados para esclarecer dúvidas e dar aconselhamento em saúde, porque as pessoas têm receio de deslocar-se às urgências, em Cinfães ou em Penafiel», relata Ricardo Monteiro, o farmacêutico proprietário.

A equipa faz domicílios todos os dias e toma a iniciativa de contactar os utentes. «Ligam-me para saber se estou bem, se preciso de alguma coisa», conta Ana Morais, 40 anos. Saiu de casa pela última vez no dia 12 de Março porque está «a levar muito a sério esta situação». Quando regressa de ir comprar o pão, o marido vai

«LIGAM-ME PARA SABER SE ESTOU BEM, SE PRECISO DE ALGUMA COISA»

A Farmáca Central, de Escariz, tem sempre parte da equipa na rua, a fazer domicílios

«Prefiro ficar aqui a olhar para os passarinhos e as galinhas do que arranjar um passaporte para o outro lado», conta Alberto Lima, 76 anos, que recebe os medicamentos ao portão

©RICARDO CASTELO

directo para o banho e a roupa dele para a máquina. Ela não põe o pé fora do portão, porque sente que tem «a imunidade em baixo». Sofre de depressão crónica, crises de pânico e ansiedade. «Tranquiliza-me que se preocupem comigo. São fenomenais», agradece a doente.

Todas as semanas, a Farmácia Ferreira prepara a medicação de grande parte dos 80 idosos do lar e centro de dia da Associação de Solidariedade Social de Souselo. Os profissionais da instituição ficaram sobressaltados com a possibilidade de o vírus entrar no edifício. Para os ajudar a evitar uma desgraça, a farmácia forneceu-lhes termómetros, máscaras, álcool e até 12 fatos completos de protecção individual. «A equipa da farmácia é muito profissional. Confio que os nossos idosos ficam em segurança», agradece a enfermeira Ana Santos. Os procedimentos de assepsia tornaram-se de uma minúcia obsessiva. Os farmacêuticos que preparam a terapêutica também usam equipamentos de protecção novos. O espaço de trabalho e as caixas de transporte são totalmente higienizados. «Sabemos que qualquer pequena falha pode ter um impacto terrível naqueles idosos. É uma enorme responsabilidade», desabafa Ricardo Monteiro.

A FARMÁCIA FERREIRA PREPARA A MEDICAÇÃO DE GRANDE PARTE DOS 80 IDOSOS DO LAR

«Qualquer pequena falha na assepsia pode ter um impacto terrível naqueles idosos. É uma enorme responsabilidade», desabafa o farmacêutico

Em Souselo, a extensão de saúde e duas clínicas encerraram. A farmácia foi o único serviço de saúde disponível no pico da pandemia

©RICARDO CASTELO

MEDICAMENTOS?
LIGUE 1400

Chamadas gratuitas de qualquer rede, 24 horas por dia.

Quando ligar o 1400, vão perguntar-lhe:

- O seu nome e número de telefone
- Os dados da sua receita ou quais os produtos de que necessita
- Quais as suas farmácias preferenciais.

A Linha 1400 contacta então as farmácias pela ordem preferencial indicada e valida a disponibilidade do pedido.

De seguida, informam-no sobre:

- Qual a farmácia, entre as indicadas, que consegue responder à sua necessidade
- Que o seu pedido já foi enviado e será contactado pela farmácia no prazo máximo de duas horas.

No espaço de duas horas, irá receber uma chamada da farmácia para:

- Combinar se quer fazer o levantamento da encomenda na farmácia ou prefere entrega em casa
- Se preferir entrega em casa, vão prestar-lhe o aconselhamento farmacêutico nessa mesma chamada e acordar a forma de pagamento.

O Serviço de Assistência Farmacêutica - Linha 1400 - começou com dois projectos-piloto no distrito de Bragança, em 2016, e nos concelhos de Odivelas e Loures, em 2019. Após a declaração da pandemia, foi alargado a nível nacional como medida de apoio ao cumprimento do confinamento recomendado aos portugueses para prevenção da COVID-19. Este serviço suportou ainda a entrega ao domicílio de medicamentos hospitalares, para maior segurança dos doentes de risco. A Linha 1400 já prestou assistência a 25 mil pessoas desde o dia 24 de Março, altura do seu lançamento em todo o país.

O VÍRUS DA LIBERDADE

Doentes mais frágeis conquistam o direito a escolher a sua farmácia.

REPORTAGEM: *CARLOS ENES, IRINA FERNANDES, RITA LEÇA E SANDRA COSTA*

Doentes dos Açores fazem deslocações regulares a Lisboa só para levantar medicamentos

©PEDRO LOUREIRO

Cátia Chagas fazia todos os meses viagens de autocarro de ida-e-volta, entre Olhão e Lisboa, para levantar a hormona de crescimento do filho. Daniela Sequeira, de São Brás de Alportel, pagava do seu bolso o comboio e os táxis, a fim de aceder ao mesmo medicamento para a filha. Há nove anos que Mónica Descalço ia de Beja a Setúbal levantar os seus comprimidos e as injecções para o pai, de quem herdou uma esclerose múltipla. Fabrício Benevides, de 20 anos, metia-se num avião com a família, no Aeroporto de Ponta Delgada, para renovar no IPO de Lisboa a medicação para a sua doença genética rara, que lhe cobre a pele de tu-

mores. Também o septuagenário João Rocha era obrigado a fazer deslocações mensais de São João da Talha, onde vive, ao Hospital Curry Cabral, de Lisboa. Andava nesse vaivém desde que foi transplantado, vai para doze anos.

A COVID-19 trouxe a estas pessoas o direito a escolherem livremente a sua farmácia, como qualquer cidadão. Antes da pandemia, doentes oncológicos, transplantados, portadores de VIH/sida, artrite reumatóide, esclerose múltipla e outras doenças incapacitantes tinham de viajar pelo país para renovarem a terapêutica, em dias marcados, aos balcões de ambulatório das farmácias dos hospitais centrais. Para além do incómodo, essa obrigação era muitas vezes um problema. Os doentes mais pobres e envelhecidos, a viver longe das grandes cidades, sem carro ou carta de condução, empenhavam-se, pediam favores, passavam dias em transportes públicos. Quando esses expedientes falhavam, interrompiam os tratamentos.

Com a pandemia, as deslocações de doentes imunodeprimidos e com patologias incapacitantes aos hospitais, sem qualquer necessidade clínica, passaram a constituir um risco desnecessário e insuportável. No dia 19 de Março, a Direcção-Geral da Saúde e o Infarmed publicaram uma norma com vista a «agilizar a dispensa de medicamentos hospitalares através da farmácia comunitária».

«ESTA É A AJUDA QUE NOS FALTAVA!»

Os pais de Álvaro Jesus faziam viagens mensais de 600Km para ele ter a sua hormona de crescimento

«Eu faço limpezas e o meu marido é pescador, o dinheiro das viagens a Lisboa faz-nos falta», reclama Cátia Chagas, de Olhão

Estava assim autorizada a Operação Luz Verde (OLV), uma iniciativa conjunta das Ordens dos Médicos e dos Farmacêuticos, a pensar na segurança dos doentes mais frágeis. As 2.923 farmácias comunitárias passaram a dispensar medicamentos dos hospitais, a título gratuito, de acordo com a livre escolha dos doentes. A operação logística foi suportada pelos distribuidores e pelo fundo de emergência Abem, da Associação Dignitude.

«Esta é a ajuda que nos faltava!», alegra-se a olhanense Cátia Chagas. Fazia todos os meses viagens de 300 quilómetros para cada lado, entre a cidade algarvia e Lisboa. Agora, levanta as injecções de somatropina, hormona do crescimento que administra diariamente ao filho, na farmácia da sua rua.

A vitória mais importante da vida dela foi conseguir reverter o atraso no desenvolvimento físico de Álvaro Jesus. Quando ele nasceu, aparentava ser um bebé saudável. Os primeiros sinais de alerta só apareceram no jardim de infância. «O peso e a altura dele não correspondiam à idade. Tinha valores como se fosse dois anos mais novo», recorda a mãe. Aos sete anos, pesava 18 kg e media 1,06 metros. Foi quando iniciou o tratamento no Dona Estefânia, em Lisboa, hospital de referência em Pediatria para a região Sul e ilhas. As injecções revelaram-se eficazes. Álvaro, agora com 13 anos, já pesa 60 kg e mede 1,53 metros, está dentro dos padrões considerados normais para a idade.

«SERÁ QUE ESTAMOS NO FIM DO MUNDO?»

Rita Sequeira precisa de hormona de crescimento. Por isso, a família tem de ir de São Brás de Alportel a Lisboa todos os meses

«Não me importava de pagar pelo serviço, porque agora gastamos perto de 200 euros e perdemos um dia a tratar do assunto», protesta a mãe, Daniela Sequeira

«É tempo perdido para o cidadão. Aqui, tem os medicamentos em minutos», afirma o farmacêutico Jorge Santos, da Farmácia São Brás

«Com este serviço, estamos a proteger o utente e a fazer um trabalho de Saúde Pública», sintetiza Ana Monge, directora-técnica da farmácia Silveira Suc

Mónica Descalço, de Beja, em vez de ir a Setúbal recebeu os medicamentos em casa

A mãe deseja agora uma segunda vitória: continuar a tratar do filho sem ter de perder um dia de trabalho e de gastar 40 euros por mês nas viagens de autocarro. «Eu sou empregada doméstica, faço limpezas, e o meu marido é pescador, esse dinheiro faz-nos falta», afirma Cátia Chagas. E assume, com mágoa, que no passado «já aconteceu não podermos ir buscar as injecções a Lisboa por falta de dinheiro». Por mais chocante, não é caso único.

«Será que estamos no fim do mundo? Isto não tem cabimento, parece uma coisa de um país do terceiro mundo», indigna-se Daniela Sequeira. É mãe da Rita, uma criança frenética e feliz, com o mesmo problema de Álvaro. Aos dez anos, mede 1,21 cm e pesa apenas 20 kg. A família luta há ano e meio contra «o absurdo» das viagens mensais de ida-e-volta entre São Brás de Alportel e o Hospital Dona Estefânia. Levantar a hormona de crescimento na farmácia da sua terra foi para ela uma grande conquista. «Não me importava de pagar pelo serviço, porque agora gastamos perto de 200 euros e perdemos um dia a tratar do assunto», contabiliza, revoltada.

O serviço, para já, permanece gratuito. No final de Maio, a Associação Nacional das Farmácias escreveu aos hospitais manifestando a disponibilidade das suas associadas para continuar a resolver os problemas dos doentes, a título gracioso, até o valor do serviço ser objecto de avaliação independente e de contrato.

«Muitas pessoas estão a torcer para que esta medida continue após a pandemia», relata a farmacêutica Lúcia Tibúrcio, de 43 anos, responsável pela dispensa de medicação hospitalar na Farmácia Nobre Sousa, de Olhão. «Ter de fazer 600 quilómetros num dia é cansativo para qualquer pessoa saudável. Imagine-se o que isso significa para uma pessoa que é doente», observa a directora-técnica, Maria João Nobre de Sousa. «Não tem lógica a pessoa ter de se deslocar ao hospital para obter a sua medicação. É um acréscimo de trabalho desnecessário para a farmácia hospitalar e tempo perdido para o cidadão, que muitas vezes tem de faltar ao trabalho. Aqui, tem os medicamentos em minutos», descreve o farmacêutico Jorge Santos, proprietário da Farmácia São Brás.

«Todos os meses perco um dia de trabalho para ir buscar a medicação. Gasto mais de 50 euros em gasolina, portagens e alimentação. Por isso, gostava que esta medida fosse mantida após a pandemia», testemunha Móni-

«TER DE FAZER 600 QUILÓMETROS NUM DIA É CANSATIVO PARA QUALQUER PESSOA SAUDÁVEL. IMAGINE-SE O QUE ISSO SIGNIFICA PARA UMA PESSOA QUE É DOENTE»

O reformado João Rocha anda há 12 anos num vaivém entre São João da Talha e o Hospital Curry Cabral, em Lisboa

©MIGUEL R. FERNANDES

«Dirigimos estes utentes para uma porta lateral da farmácia, para que não estejam à espera em filas», relata Patrícia Luna

ca Descalço, de 35 anos, portadora de esclerose múltipla e residente em Beja. Graças ao novo serviço, deixou de ir ao Centro de Hospitalar de Setúbal renovar a medicação para si e para o pai, diagnosticado com a mesma doença. A Farmácia Silveira Suc, de Beja, não só lhe resolveu o problema como lhe entregou os medicamentos em casa. «O médico até me deixa sair à rua, se tiver os devidos cuidados de protecção. Como tomo imunossupressores, prefiro não arriscar», explica Mónica. O pai, António, de 62 anos, tomou a mesma decisão: escondeu-se do vírus no monte da família, juntamente com a mulher e outra filha. «Com este serviço, estamos a proteger o utente e a fazer um trabalho de Saúde Pública», sintetiza Ana Monge, directora-técnica da farmácia preferida pela família Descalço.

A epidemia abriu uma oportunidade de melhoria de qualidade de vida aos doentes mais frágeis. O problema é que a inércia é como a doença: não respeita idades. João Rocha tinha 18 anos quando o fígado lhe deu as primeiras arrelias. «Era internado a toda a hora. Só num ano, fiquei lá cinco vezes», recorda. Em 2008, foi submetido a um transplante no Hospital Curry Cabral, em Lisboa. Daí para cá, o marceneiro reformado, agora com 70 anos, voltava lá todos os meses, só para ir buscar os medicamentos de que precisa para sobreviver. No início do ano, deixou de poder conduzir porque perdeu a visão do olho esquerdo. Teve de pedir ao filho mais velho, Carlos Manuel, 46 anos, para ir ele ao Hospital Curry Cabral.

Por ironia, graças ao novo coronavírus, João Rocha teve uma palavra a dizer sobre o assunto, pela primeira vez em 12 anos. Escolheu a Farmácia Luna, em São João da Talha. «Agora, é só descer a rua, é tudo mais fácil», relata o septuagenário. Como ele seguiu o confinamento à risca, a

Hospitais foram informados da disponibilidade das farmácias para continuarem a trabalhar gratuitamente, enquanto o valor do serviço é avaliado

©DR

«Se puderem continuar a enviar os medicamentos para cá, eu agradeço», pede a açoriana Zélia Benevides

Fabrício Benevides, de 20 anos, não tinha acesso a medicamentos na ilha de S. Miguel

mulher ou o filho levantam os fármacos, que também podem ser entregues ao domicílio. «Dirigimos estes utentes para uma porta lateral da farmácia, para que não estejam à espera em filas», relata a farmacêutica directora-técnica. «Alguns deles não têm carro próprio. Deslocarem-se ao hospital fica caro. De táxi, não gastam menos de 30 euros para cada lado», descreve Patrícia Luna.

Por incrível que pareça, há muitos insulares forçados a fazer viagens ao continente para levantar medicamentos. É o caso do açoriano Fabrício Benevides, de 20 anos, que vive em São Miguel. Sofre de neurofibromatose de tipo 1, uma doença genética rara que origina tumores a nível cutâneo. Toma um medicamento de manhã e à noite para prevenir o crescimento e a degeneração dos tumores. No seu caso são benignos, mas multiplicam-se pelo corpo e cobrem-lhe o rosto. Desde os quatro anos, quando a doença foi diagnosticada, já foi operado seis vezes, para a respectiva remoção cirúrgica.

A consulta que tinha agendada no IPO de Lisboa para meados de Abril foi adiada devido à pandemia. O médico sugeriu então à família o envio da medicação para a ilha. A mãe aceitou de imediato. Podia ter escolhido ir levantar os medicamentos ao hospital de Ponta Delgada, mas achou mais seguro recebê-los na Farmácia da Santa Casa da Misericórdia da Maia, a quatro quilómetros de casa.

«AGORA, É SÓ DESCER A RUA, É TUDO MAIS FÁCIL»

Ela e o marido são doentes crónicos, sofrem de diabetes. «Não queremos arriscar-nos», justifica Zélia Benevides. A farmácia mostrou-se honrada com a escolha. «A nossa missão, enquanto farmacêuticos comunitários, é prestar um serviço cuidadoso e eficiente à comunidade», considera a farmacêutica Teresa Silva.

O erário regional paga as viagens de avião. Mesmo assim, muitas famílias não gostam de pernoitar nas pensões escolhidas pelo Serviço Regional de Saúde (SRS), nem das alterações de alimentação e hábitos. Queixam-se de que o subsídio às deslocações «não chega para cobrir as despesas». Zélia Benevides deixa bem claro que não tem prazer algum em andar sempre a correr para Lisboa. «Tomara eu que a gente não tivesse de ir. Uma coisa é irmos para fazer exames ou consultas, lá terá de ser. Já os medicamentos, se os puderem mandar para cá, eu agradeço muito», pede a micaelense.

Operação Luz Verde

ESCOLHA LIVRE

15 MIL DOENTES USARAM O SERVIÇO

CADA DOENTE POUPA

99,5 KM

Distância média poupada por doente

MENOS 43 VOLTAS À TERRA

1.713.185 Km

Distância poupada por todos os doentes

TEMPO MÉDIO DE DESLOCAÇÃO

Farmácia Hospitalar

119 MINUTOS

Farmácia Comunitária

15 MINUTOS

FARMÁCIAS CONTINUAM A COLABORAR

Entre 24 de Março e 31 de Maio, A Operação luz verde, assegurou 14.743 dispensas a doentes dos hospitais. Os doentes escolheram qual a farmácia comunitária onde pretendiam receber os seus medicamentos. Sempre que o solicitaram, a mesma farmácia garantiu dispensas ao domicílio.

A Associação Nacional das farmácias (ANF) manifestou, por carta, a todos os hospitais a disponibilidade das suas associadas continuarem a prestar o mesmo serviço, a título gratuito, depois do levantamento do estado de emergência, até ser possível contratualizar o respectivo valor. A ANF pediu aos hospitais «cooperação nos estudos de valorização da intervenção farmacêutica, quer hospitalar, quer comunitária, que sejam implementados».

No mês de Junho, as farmácias comunitárias asseguraram 3.817 novas dispensas a pedido dos hospitais, isto até ao dia 24, data de fecho desta edição.

TRANSPORTE UTILIZADO

Farmácia Hospitalar		Farmácia Comunitária
61,7 %	CARRO	43,6 %
33,9 %	TRANSPORTES PÚBLICOS	2,2 %
9,4 %	A PÉ	55,2 %
5 %	TÁXI	0,7 %

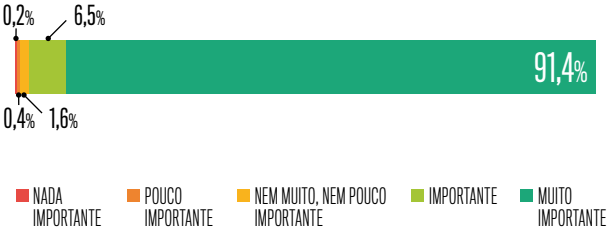
ABSENTISMO

Farmácia Hospitalar		Farmácia Comunitária
14,3 %	FALTEI UM DIA	0 %
13,9 %	FALTEI MEIO DIA	0,5 %

INDICAÇÃO TERAPÊUTICA DOS MEDICAMENTOS

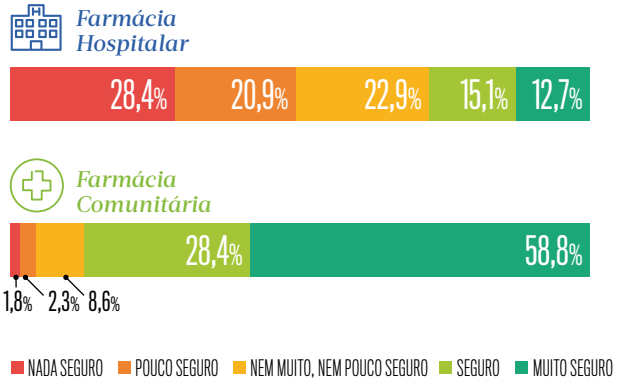
- 23,6 % ONCOLOGIA
- 23,5 % VIH/SIDA
- 15,5 % TRANSPLANTE
- 14 % DOENÇA DE CROHN / COLITE ULCEROSA
- 7,3 % ESCLEROSE MÚLTIPLA

IMPORTÂNCIA DA PRESTAÇÃO DESTE SERVIÇO PELA FARMÁCIA COMUNITÁRIA

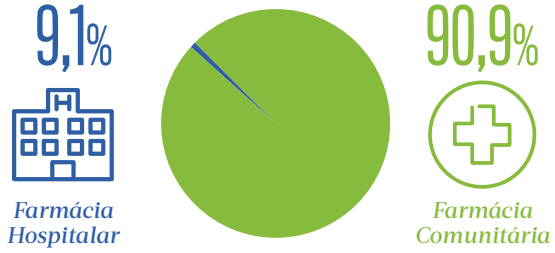


LIBERDADE DE ESCOLHA DO LOCAL DA DISPENSA

SEGURANÇA DO SERVIÇO

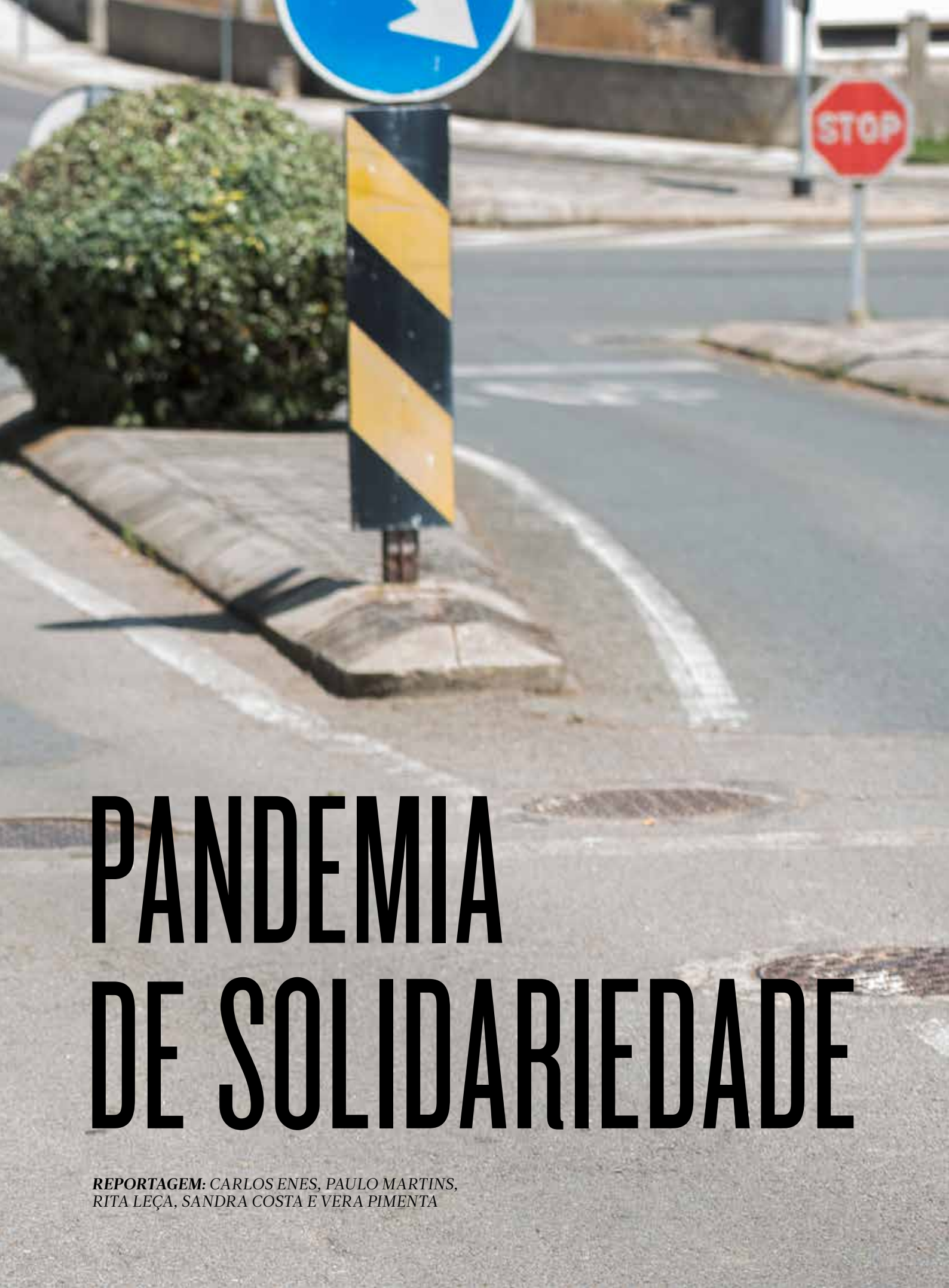


LOCAL DE PREFERÊNCIA PARA TER ACESSO AOS MEDICAMENTOS DEPOIS DA PANDEMIA



Ícones Infosaúde / CEFAR Inquérito telefónico, realizado até ao dia 25 de Junho, após primeira visita à farmácia. Amostra de 600 utentes participantes na Operação Luz Verde, seleccionada aleatoriamente

©RICARDO MEIRELES



PANDEMIA DE SOLIDARIEDADE

REPORTAGEM: *CARLOS ENES, PAULO MARTINS, RITA LEÇA, SANDRA COSTA E VERA PIMENTA*

O que fazem as mãos define o carácter das mulheres e dos homens.

Nos idos de Março, Teotónio Pinheiro, 49 anos, teve de fechar o café que sustenta a família, em Carapeços, Barcelos. Fechado em casa, com a mulher e os filhos, tratou do quintal em família. E "desconfinou" para além disso. Pegou na impressora 3D e produziu, uma a seguir à outra, dezenas de viseiras de protecção para toda a vizinhança. «É a minha forma de contribuir». A onda pegou. Às tantas, vários amigos seus estavam de mãos ocupadas. Montaram uma fábrica de viseiras em rede, nas casas de família. Doaram esses equipamentos de protecção a lares, hospitais, centros de saúde, farmácias.

O povo aproveitou as visitas domiciliárias para expressar reconhecimento pelo esforço das suas farmácias durante a pandemia. Nos ambientes rurais são comuns cestas cheias amor e de produtos da terra: umas couves, ovos de galinhas poedeiras, as primeiras cerejas da época, um coelhinho caseiro. Na ilha do Faial, o casal de septuagenários Olívia e António Silveira ofereceu limões e um ramo de flores à farmacêutica Diva Bettencourt. Em Barroselas, a cada passo, a Dona Rosa chama a sua casa a equipa da Farmácia Lopes para ir buscar um pão de ló caseiro «acabadinho de sair do forno».

EM MARÇO, AS FARMÁCIAS REFORÇARAM EM 7,8 MILHÕES DE EUROS AS DISPENSAS A CRÉDITO. NINGUÉM INTERROMPEU TRATAMENTOS

O farmacêutico Berto Cabral produziu centenas de frascos de álcool gel. Com o lucro, ofereceu um ventilador ao hospital público da Ilha Terceira

Teotónio Pinheiro fechou o café da família e foi para casa produzir viseiras para os vizinhos, os lares e a farmácia da terra

Em Terras de Miranda, as mulheres também agradecem à Farmácia de Sendim com as próprias mãos. Adelaide Balbino, de 77 anos, e Cândida Mené, 86 – celebrados em Abril, em plena pandemia –, mais do que vizinhas partilham a história de vida. Vestem luto, dos pés aos lenços da cabeça. Os maridos, "Deus os Tenha", já partiram há muito. Elas ficaram sozinhas, cada uma no seu pedaço de quintal. Os filhos da Dona Adelaide foram para Sagres, na outra ponta do país, os da Dona Cândida ficaram em França, onde ela e o marido emigraram 40 anos. Ambas coleccionam factores de risco. Adelaide é hipertensa, tem colesterol elevado e bronquite crónica. Cândida sofre do mesmo, com uma doença de pele nas vezes da bronquite.

A farmacêutica de Sendim é homónima das duas. Chama-se Cândida Adelaide Viana. A coincidência faz sentido, porque é como se fosse da família. Quando adoecem, não descansa até as ver recuperadas. Se já antes as visitava muito em casa, quando veio a pandemia deu-lhes uma ordem clara: «É proibido ir à farmácia».

Do Minho aos Açores, ninguém ficou sem medicamentos. Em Março, as farmácias dispensaram mais 7,8 milhões de euros de medicamentos a crédito do que é habitual. Com base na contabilidade de uma amostra de 625 farmácias, a Adjustt, equipa de consultores da Glintt, revelou números impressionantes de solidariedade em saúde. Mais de 470 mil portugueses têm "conta aberta" na farmácia. Para fazer face à pandemia, o crédito acumulado nas farmácias à população portuguesa atingiu o valor colossal de 76 milhões de euros.

Há muitas vidas dentro destes números. «Quando um pai precisa de comprar um antibiótico para o filho e diz que não tem dinheiro, é difícil ficar indiferente e recusar crédito", explicou Rui Romero, director-técnico da Farmácia Vitória, ao jornal Expresso. A farmácia é uma âncora para a comunidade do bairro do Cerco, em Campanhã, um dos mais pobres da cidade do Porto. «Às vezes, uma pessoa tem um mês ou outro mais aflito e eles facilitam. A pessoa paga quando pode», agradece Álvaro Cardoso, que chegou ao bairro há quatro anos. «Para quem é pobre e recebe reformas baixinhas, é uma grande ajuda», elogia Maria Oliveira, antiga operária fabril, já reformada.

A Dona Adelaide e a Dona Cândida também não precisaram de ir ao banco levantar dinheiro para receberem os medicamentos em casa. Têm ambas crédito ilimitado. «Eu até me posso esquecer, que elas só não pagam se não puderem», testemunha Cândida Viana, directora-técnica da Farmácia de Sendim. Com tanta coisa em comum, as duas viúvas lembraram-se de retribuir o cuidado da farmacêutica com o mesmo gesto de carinho. Cada uma deitou mãos à agulha e puxou pelo algodão. E assim passaram muitos dias da quarentena.

«Fala-se muito dos hospitais, dos centros de saúde, mas raramente se fala das farmácias, que prestam cuidados absolutamente essenciais aos portugueses», declarou José Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos, de visita a uma farmácia de Benfica

©PEDRO LOUREIRO

A REDE FORNECEU MÁSCARAS E DESINFECTANTE AOS DOENTES DE RISCO, LARES DE IDOSOS, BOMBEIROS, POLÍCIAS E SERVIÇOS DE SAÚDE

«Na aldeia temos o amigo, o vizinho, o filho. As pessoas não sentem o isolamento, ao contrário do que acontece nas grandes cidades», resume o farmacêutico Francisco Pinto Coelho, de Carapeços. A primeira parte é verdade, a segunda tem muitas honrosas excepções.

Vamos do Porto para Lisboa. No primeiro dia do regresso às aulas, as nove farmácias de Marvila estavam à entrada das escolas. Ofereceram máscaras, álcool gel e instruções claras de como evitar o contágio a estudantes e professores. Um bairro de 40 mil pessoas também pode ter rede. «Há uma ligação muito grande entre todas as instituições de Marvila – e em particular com as farmácias. As farmácias são fundamentais para o bem-estar da população e têm feito um trabalho extraordinário», descreve Joaquim Brito, vogal da junta de freguesia.

Em todo o continente e ilhas, quando o álcool foi todo reservado pelo Estado e as máscaras se tornaram um produto de luxo, as farmácias foram a tábua de salvação para muitos utentes em pânico. Com esforço e muitos telefonemas, lá foram conseguindo uma caixa de máscaras, outra de luvas, uns frascos de desinfectante. Ofereceram equipamentos de protecção a corporações de bombeiros, lares de idosos, quartéis da GNR e até centros de Saúde. «Eles não tinham nada», relata Rita Domingues, directora-técnica da Farmácia Albuquerque, de Vinhais.

A escassez de materiais de protecção levou ao súbito aparecimento de uma armada de fornecedores de ocasião. Em Março, a todas as horas chegavam propostas absurdas aos telefones e e-mails dos proprietários

e directores-técnicos. Por exemplo, álcool etílico em jericans de azeite, a 26€ o litro. Ou álcool gel ao preço estratosférico de 168€. Isso mesmo, cento e sessenta e oito, cada litro. A Associação Nacional das Farmácias pediu a intervenção do Governo, em carta ao primeiro-ministro, e fez chegar à ASAE resmas de provas documentais.

As vagas negras da especulação foram dar à Praia da Vitória, onde Berto Cabral tem a sua farmácia. Quando olhou para as mãos, subiu-lhe à cabeça o instinto profissional. «Como farmacêutico, não poderia deixar de fazer o que me competia», declarou à RTP. Desatou a produzir centenas de litros de álcool gel para serviços de saúde, lares de idosos, repartições públicas e particulares. «Temos formação para a preparação de medicamentos manipulados, assumi essa responsabilidade», expôs, surpreendido pelo interesse dos jornalistas. Em poucos dias, esgotou as matérias-primas e os frascos dos fornecedores locais. Ofereceu e vendeu várias centenas. O negócio anda em crise, mas ele não quis ficar com aquele lucro inesperado. «Era um dinheiro extra e do qual a farmácia não podia estar à espera, nem dependente». Ainda pensou em comprar novos equipamentos para o laboratório, mas optou por oferecer antes um ventilador ao Hospital Santo Espírito, da ilha Terceira. Se investiu contra o vírus, mais depressa saldou contas com a comunidade.

A especulação deixou os farmacêuticos à beira de um ataque de nervos. «Foi uma fase muito desgastante. Trabalhámos com muitos fornecedores que não conhecíamos e de que não tínhamos referências», recorda o director-técnico da Farmácia Gouveia, em Lisboa. «Uma máscara que custava cerca de dez cêntimos, de um dia para o outro não se arranjava por menos de um euro e meio», lamenta José Amorim. A escalada de preços não parou aí. Em Março, as máscaras cirúrgicas, descartáveis, atingiram 3€ de preço médio unitário de venda às farmácias. As máscaras com maior factor de pro-

A TODO, 470 MIL PORTUGUESES TÊM CONTA ABERTA NA FARMÁCIA

Adelaide Ribeiro, 77 anos, e Cândida Mené, 86, passarm a quarentena a tricotar um presente para a farmacêutica que as visita em casa

©DR

©RICARDO CASTELO

«Quando um pai precisa de comprar um antibiótico para o filho e diz que não tem dinheiro, é difícil ficar indiferente e recusar crédito», afirma Rui Romero, director-técnico da Farmácia Vitória, no Porto

«Para quem é pobre e recebe reformas baixinhas, a conta na farmácia é uma grande ajuda», elogia Maria Oliveira, 74 anos

© RICARDO MEIRELES

> «O DOMICÍLIO É OUVIR AS PREOCUPAÇÕES DAS PESSOAS, SABER DA SUA SAÚDE, DAS SUAS DORES. É VER COMO VIVEM E DO QUE REALMENTE PRECISAM»

tecção pareciam obras do Diabo: um dia custavam 6€, no orçamento seguinte 17€, noutro fornecedor 38€ por exemplar. Fabricantes de meias e empresas de ferragens começaram, de repente, a vender máscaras.

A maioria dessas ofertas envenenadas foi rejeitada liminarmente. Para garantir máscaras, luvas e desinfectante aos utentes de risco e às próprias equipas, os farmacêuticos esforçaram-se por ficar apenas às portas do inferno da agiotagem. «A minha maior aventura foi comprar por três euros um frasco de álcool que antes custava 47 cêntimos», confessa Cláudia Caroço, proprietária da Farmácia Nova, em São Marcos da Serra, Silves.

No início de Maio, cerca de mil farmácias receberam máscaras doadas pelo movimento "Todos Por Quem Cuida". Cidadãos e empresas juntaram dinheiro para oferecer materiais de protecção individual aos profissionais de saúde. «Fala-se muito dos hospitais, dos centros de saúde, mas raramente se fala das farmácias, que prestam cuidados absolutamente essenciais aos portugueses», declarou José Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos, de visita a uma farmácia de Benfica.

Com a pandemia, a directora-técnica da Farmácia de Sendim passou mais tempo cá fora do que ao balcão de atendimento. «Temos de mudar o paradigma, em especial nas zonas do Interior do país. Mais do que serem os utentes a virem à farmácia, deve ser a farmácia a ir ao encontro deles», defende Cândida Viana. «Saio todos os dias», descreve.

A experiência amadureceu-lhe o discurso, parece um rio de verdades: «O domicílio não é apenas o acto de entregar os medicamentos. É ouvir as preocupações das pessoas, saber da sua saúde, das suas dores. É ver como vivem e do que realmente precisam».

Nesta pandemia, a farmacêutica de Sendim recebeu duas peças de croché feitas à mão.

PROTEGEMO-NOS
UNS AOS OUTROS
E CUIDAMOS DO AMBIENTE

O QUE FAZER ÀS MÁSCARAS USADAS

Depois de usadas, as máscaras podem ser fontes de contaminação!

Adopte e promova comportamentos responsáveis.

- **Nunca deite as máscaras para o chão.**

- **Nunca coloque as máscaras no ecoponto.**

- Se for máscara cirúrgica, coloque-a antes num saco de plástico fechado e imediatamente no caixote do lixo.

- Se for de tecido, coloque-a num saco de plástico fechado. Guarde até ir a lavar na máquina de lavar a pelo menos 60°C. Coloque o saco no lixo comum.

Atenção!

O uso de máscara não dispensa distanciamento social, medidas de etiqueta respiratória, lavagem frequente e adequada das mãos, evitar tocar com as mãos no rosto, boca, nariz e olhos.

PEÇA MAIS ESCLARECIMENTOS AO BALCÃO DA SUA FARMÁCIA

Farmácias Portuguesas

VALORMED

MADE IN PORTUGAL

Guião das farmácias portuguesas adoptado em todo o mundo.

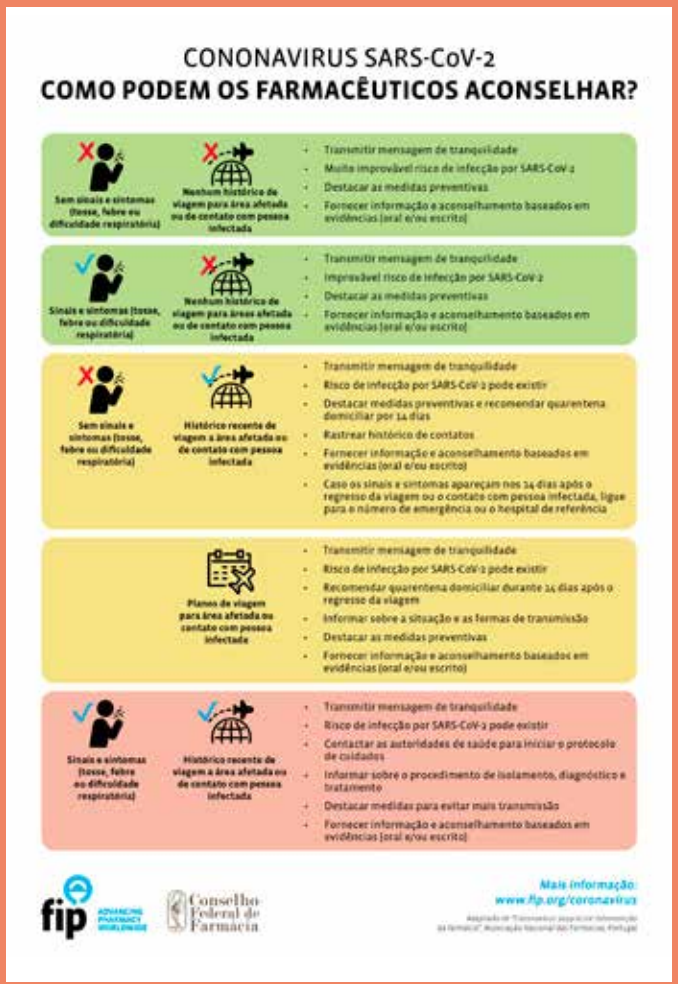
A Federação Internacional Farmacêutica (FIP) adoptou o fluxograma de aconselhamento farmacêutico das farmácias portuguesas contra o coronavírus. O novo Adamastor da Saúde Pública mundial tem uma resposta portuguesa.

A instrução sanitária que publicamos nestas páginas foi elaborada pelo CEDIME - Centro de Informação do Medicamento e Intervenções em Saúde da Associação Nacional das Farmácias (ANF). No início de Março, a FIP recomendou a sua utilização aos farmacêuticos e suas equipas, em exercício em farmácias comunitárias, hospitalares e laboratórios de análises clínicas de todo o mundo. O guião português foi traduzido em dezenas de idiomas, como chinês, árabe, russo, inglês e espanhol.

O fluxograma ensina a despistar casos suspeitos conjugando os sintomas gripais com informação epidemiológica relativa a viagens e contactos com pessoas infectadas. Os farmacêuticos ficam habilitados a aconselhar e a orientar cada cidadão. Independentemente do grau de suspeita, a primeira obrigação dos profissionais é transmitirem às pessoas uma «mensagem de tranquilidade».

A FIP justifica a recomendação mundial porque «as farmácias comunitárias são frequentemente o primeiro ponto de contacto com o sistema de saúde».

ORIGINAL EM PORTUGUÊS



ÁRABE

فيروس كورونا الجديد SARS-CoV-2

ما النصائح التي يمكن للصيادلة تقديمها؟

لا يظهر المريض أيّ أعراض (السعال أو الحمى أو صعوبات تنفسية)	لم يسافر المريض سابقاً إلى المناطق المصابة بالفيروس أو يتعرض لأشخاص مصابين بالفيروس	طمأنة المريض احتمال الإصابة بفيروس كورونا الجديد ضئيل جدًا تسليط الضوء على الإجراءات الوقائية تقديم معلومات ونصائح (شفهية و/أو خطية) مبنية على أدلة	
يظهر المريض أعراضاً (السعال أو الحمى أو صعوبات تنفسية)	لم يسافر المريض سابقاً إلى المناطق المصابة بالفيروس أو يتعرض لأشخاص مصابين بالفيروس	طمأنة المريض احتمال الإصابة بفيروس كورونا الجديد ضئيل تسليط الضوء على الإجراءات الوقائية تقديم معلومات ونصائح (شفهية و/أو خطية) مبنية على أدلة	
لا يظهر المريض أيّ أعراض (السعال أو الحمى أو صعوبات تنفسية)	سافر مؤخرًا إلى المناطق المصابة أو تعرض لأشخاص مصابين بالفيروس	طمأنة المريض احتمال الإصابة بفيروس كورونا الجديد موجود تسليط الضوء على الإجراءات الوقائية والتوصية بالحجر الصحي في المنزل لمدة 14 يوماً مراجعة التاريخ الطبي للأشخاص الذين تعرض لهم تقديم معلومات ونصائح (شفهية و/أو خطية) مبنية على أدلة في حال ظهور الأعراض في خلال الـ14 يوماً بعد الرجوع من السفر أو الاحتكاك بأشخاص مصابين بالفيروس، يجب الاتصال برقم طوارئ أو تمستشفى	
	لديه خطط للسفر إلى المناطق المصابة أو التعرض لأشخاص مصابين بالفيروس	طمأنة المريض احتمال الإصابة بفيروس كورونا الجديد موجود التوصية بالحجر الصحي في المنزل لمدة 14 يوماً بعد العودة من السفر إطلاع المريض على الوضع الحالي لانتشار الفيروس وطرق انتقاله تسليط الضوء على الإجراءات الوقائية تقديم معلومات ونصائح (شفهية و/أو خطية) مبنية على أدلة	
يظهر المريض أعراضاً (السعال أو الحمى أو صعوبات تنفسية)	سافر مؤخرًا إلى المناطق المصابة أو تعرض لأشخاص مصابين بالفيروس	طمأنة المريض احتمال الإصابة بفيروس كورونا الجديد موجود الاتصال بسلطات الصحة لبدء اتخاذ تدابير الرعاية إطلاع المريض على تدابير العزل والتشخيص والعلاج تسليط الضوء على التدابير اللازمة للحد من نقل العدوى تقديم معلومات ونصائح (شفهية و/أو خطية) مبنية على أدلة	

www.fip.org/coronavirus

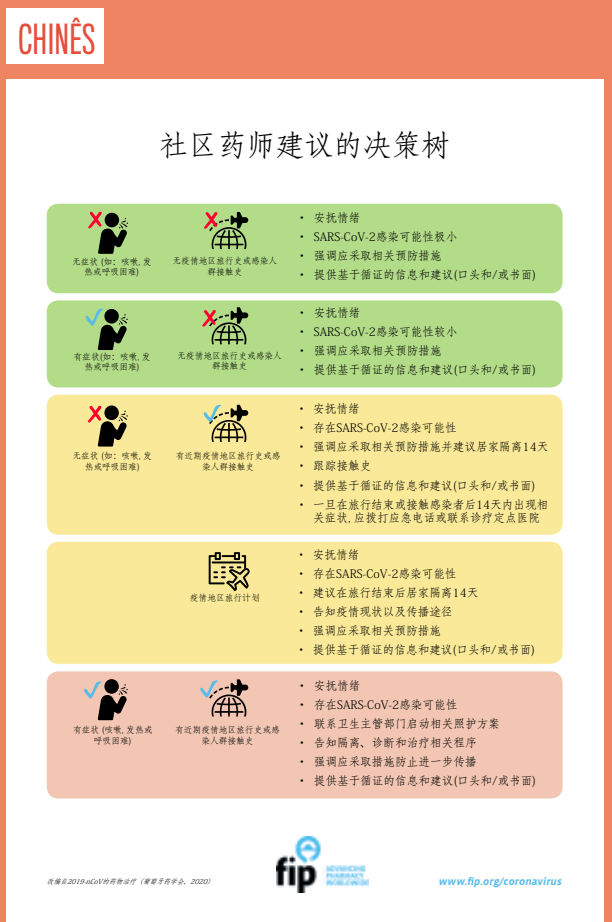
Adapted from "Coronavirus 2019-nCoV: Intervenção da farmácia", (Associação Nacional das Farmácias, Portugal), 2020)

BÚLGARO

КОРОНАВИРУС 2019-nCoV

КАКВО МОГАТ ДА ВИ ПОСЪВЕТВАТ ФАРМАЦЕВТИТЕ?

CHINÊS



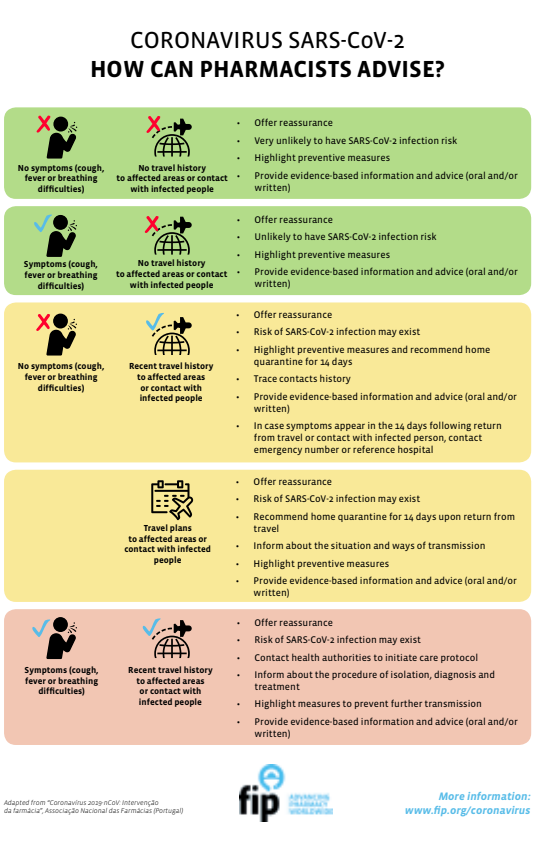
社区药师建议的决策树

无症状 (如：咳嗽、发热或呼吸困难)	无疫情地区旅行史或感染人群接触史	• 安抚情绪 • SARS-CoV-2感染可能性极小 • 强调应采取相关预防措施 • 提供基于循证的信息和建议(口头和/或书面)
有症状(如：咳嗽、发热或呼吸困难)	无疫情地区旅行史或感染人群接触史	• 安抚情绪 • SARS-CoV-2感染可能性较小 • 强调应采取相关预防措施 • 提供基于循证的信息和建议(口头和/或书面)
无症状 (如：咳嗽、发热或呼吸困难)	有近期疫情地区旅行史或感染人群接触史	• 安抚情绪 • 存在SARS-CoV-2感染可能性 • 强调应采取相关预防措施并建议居家隔离14天 • 跟踪接触史 • 提供基于循证的信息和建议(口头和/或书面) • 一旦在旅行结束或接触感染者后14天内出现相关症状，应拨打应急电话或联系诊疗定点医院
	疫情地区旅行计划	• 安抚情绪 • 存在SARS-CoV-2感染可能性 • 建议在旅行结束后居家隔离14天 • 告知疫情现状以及传播途径 • 强调应采取相关预防措施 • 提供基于循证的信息和建议(口头和/或书面)
有症状 (咳嗽、发热或呼吸困难)	有近期疫情地区旅行史或感染人群接触史	• 安抚情绪 • 存在SARS-CoV-2感染可能性 • 联系卫生主管部门启动相关照护方案 • 告知隔离、诊断和治疗相关程序 • 强调应采取措施防止进一步传播 • 提供基于循证的信息和建议(口头和/或书面)

改编自2019-nCoV的药物治疗（葡萄牙药学会，2020）

www.fip.org/coronavirus

INGLÊS



CORONAVIRUS SARS-CoV-2

HOW CAN PHARMACISTS ADVISE?

No symptoms (cough, fever or breathing difficulties)	No travel history to affected areas or contact with infected people	• Offer reassurance • Very unlikely to have SARS-CoV-2 infection risk • Highlight preventive measures • Provide evidence-based information and advice (oral and/or written)
Symptoms (cough, fever or breathing difficulties)	No travel history to affected areas or contact with infected people	• Offer reassurance • Unlikely to have SARS-CoV-2 infection risk • Highlight preventive measures • Provide evidence-based information and advice (oral and/or written)
No symptoms (cough, fever or breathing difficulties)	Recent travel history to affected areas or contact with infected people	• Offer reassurance • Risk of SARS-CoV-2 infection may exist • Highlight preventive measures and recommend home quarantine for 14 days • Trace contacts history • Provide evidence-based information and advice (oral and/or written) • In case symptoms appear in the 14 days following return from travel or contact with infected person, contact emergency number or reference hospital
	Travel plans to affected areas or contact with infected people	• Offer reassurance • Risk of SARS-CoV-2 infection may exist • Recommend home quarantine for 14 days upon return from travel • Inform about the situation and ways of transmission • Highlight preventive measures • Provide evidence-based information and advice (oral and/or written)
Symptoms (cough, fever or breathing difficulties)	Recent travel history to affected areas or contact with infected people	• Offer reassurance • Risk of SARS-CoV-2 infection may exist • Contact health authorities to initiate care protocol • Inform about the procedure of isolation, diagnosis and treatment • Highlight measures to prevent further transmission • Provide evidence-based information and advice (oral and/or written)

Adapted from "Coronavirus 2019-nCoV: Intervenção da farmácia", Associação Nacional das Farmácias (Portugal)

More information:
www.fip.org/coronavirus

POÇO SEM FUNDO

Universidade de Aveiro demonstra agravamento de prejuízos da farmácia média.

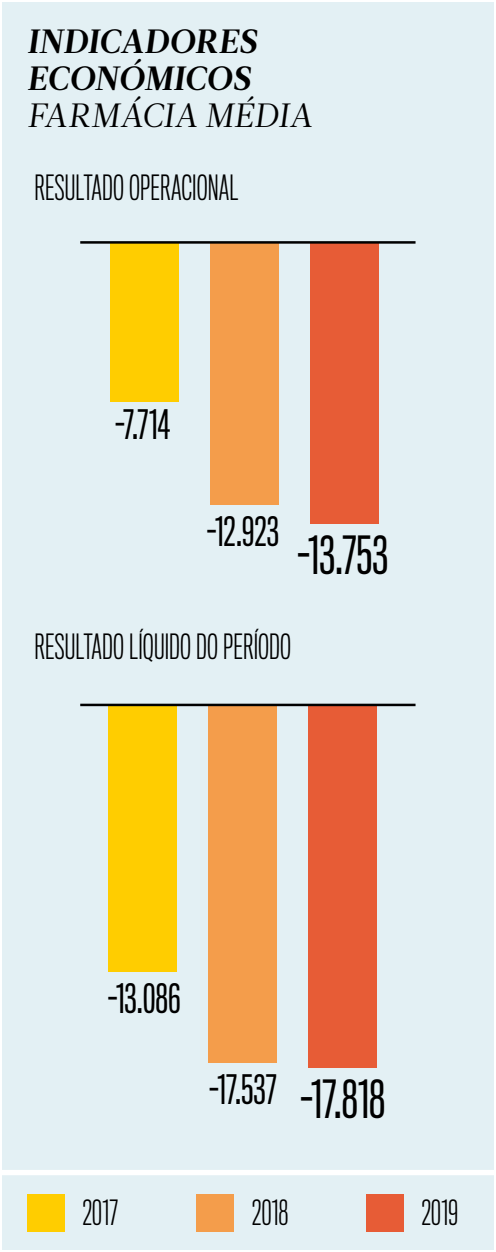
As farmácias sofrem cada vez maiores prejuízos para garantir, em todo o território, a dispensa de medicamentos comparticipados pelo Estado. As margens sobre o preço de venda, única fonte de financiamento deste serviço público, não chegam para cobrir os custos. Estas são as grandes conclusões do estudo "Economia da Farmácia Comunitária: Sustentabilidade da dispensa de medicamentos em Portugal – 2017, 2018 e projecções 2019", coordenado pela Universidade de Aveiro (UA).

Entre 2017 e 2018, o resultado operacional da farmácia média sofreu uma redução abrupta de 67,5%. Este facto prejudicou de forma decisiva o resultado líquido, que se agravou de -12 923€ para -17.753€.

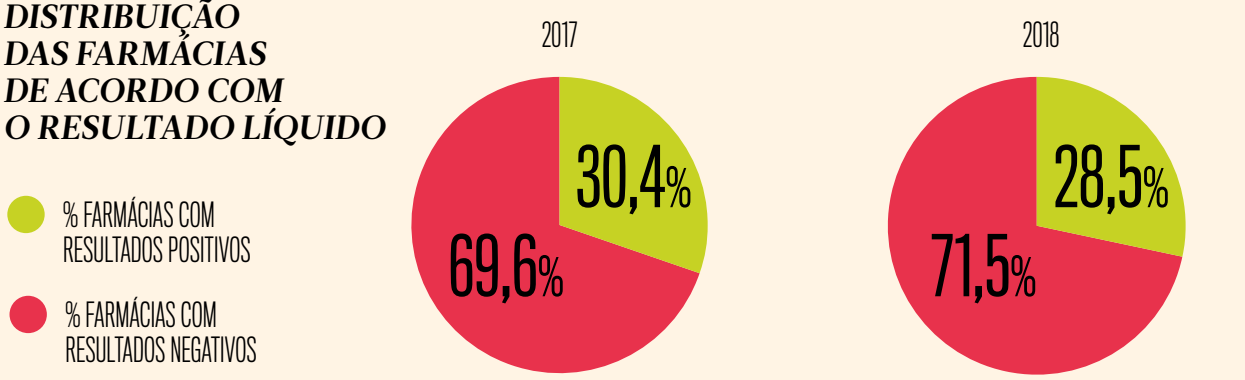
O estudo baseia-se nas declarações fiscais de 1.654 farmácias individuais: 71% acumulam prejuízos com a dispensa de medicamentos comparticipados. As projecções da UA para 2019 indicam que o resultado líquido da farmácia média continua a agravar-se, ainda que a um ritmo mais ligeiro (-17.818).

A rede de farmácias continua sob austeridade. «Do ponto de vista das farmácias, são ainda visíveis os efeitos negativos da crise económica e financeira, bem como do consequente programa de ajustamento imposto em Portugal», refere a UA nas conclusões. O corte na margem de farmácias e grossistas atingiu os 272M€ em 2018, cinco vezes superior ao preconizado pela Troika. Nos últimos dez anos, a despesa com medicamentos em ambulatório caiu 4,3%, o que coloca Portugal como o segundo país com maior quebra, logo a seguir à Grécia.

O relatório do estudo recorda que «existe um maior número de farmácias por população nas zonas consideradas demograficamente mais desfavorecidas e envelhecidas». Daí que «as políticas públicas de saúde e do medicamento influenciem, de forma decisiva, a forma como o sistema de saúde chega às populações». A Universidade de Aveiro conclui que «a consistência de resultados com estudos anteriores evidencia a falência do modelo económico das farmácias».



DISTRIBUIÇÃO DAS FARMÁCIAS DE ACORDO COM O RESULTADO LÍQUIDO



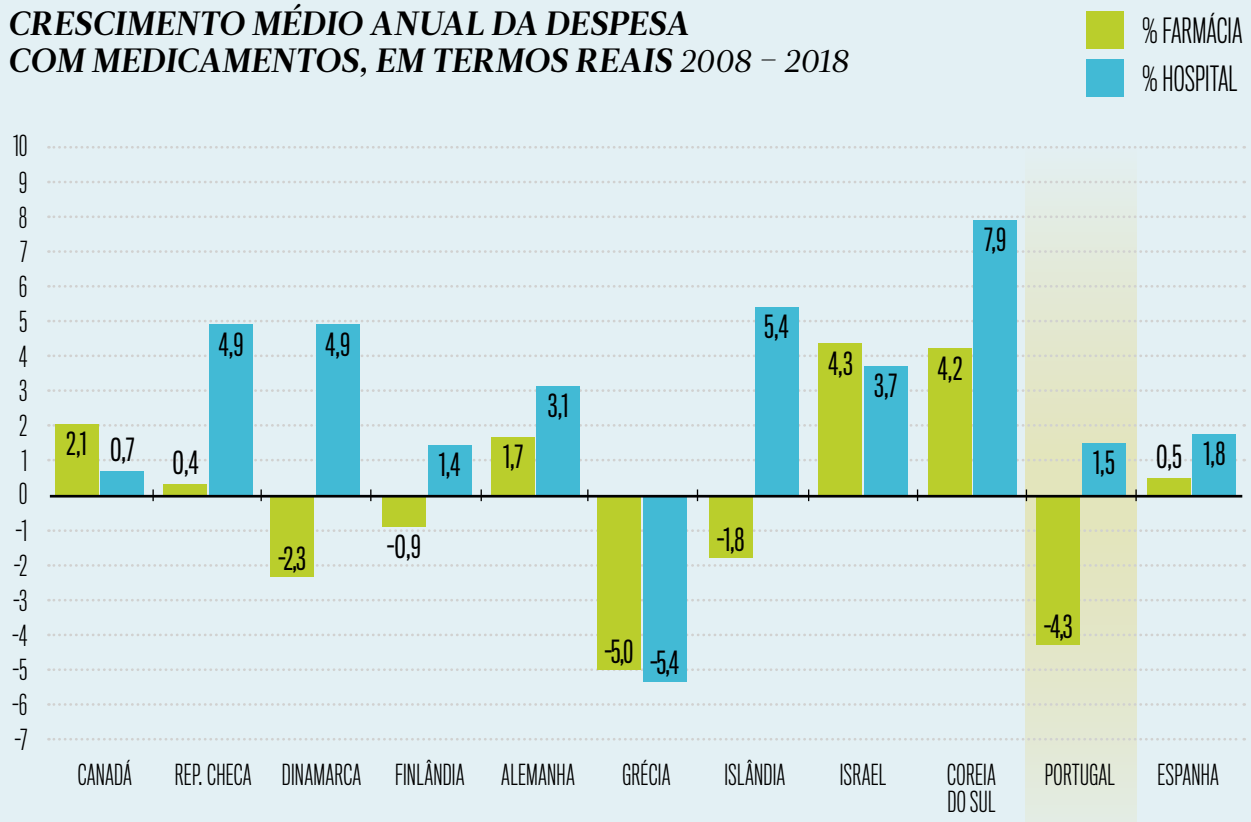
©RICARDO CASTELO

CUSTOS DAS FARMÁCIAS

EURO (€)

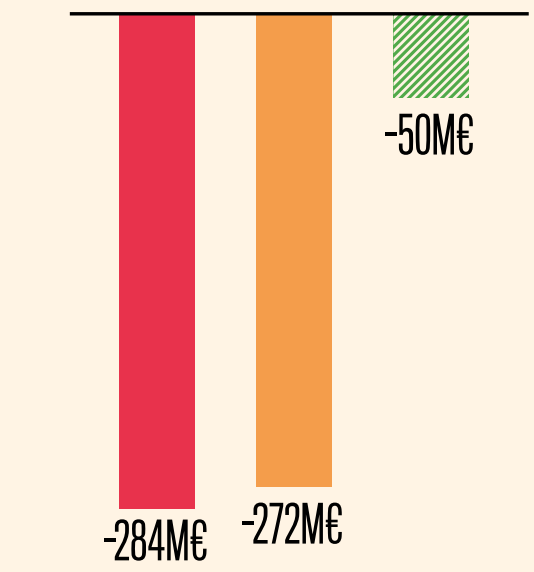
	2018	2019	2018 / 2019
JUROS	4.614	4.065	-12%
GANHOS / PERDAS NÃO DESEMBOLSÁVEIS	15.203	14.613	-4%
OUTROS GANHOS / PERDAS	14.326	15.263	7%
PESSOAL	120.397	129.325	7,4%
FSE	57.657	64.819	12,4%
TOTAL	212.197	228.086	7,5%

CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DA DESPESA COM MEDICAMENTOS, EM TERMOS REAIS 2008 – 2018



Fonte: INE, Conta Satélite da Saúde 2016 – 2018Pe

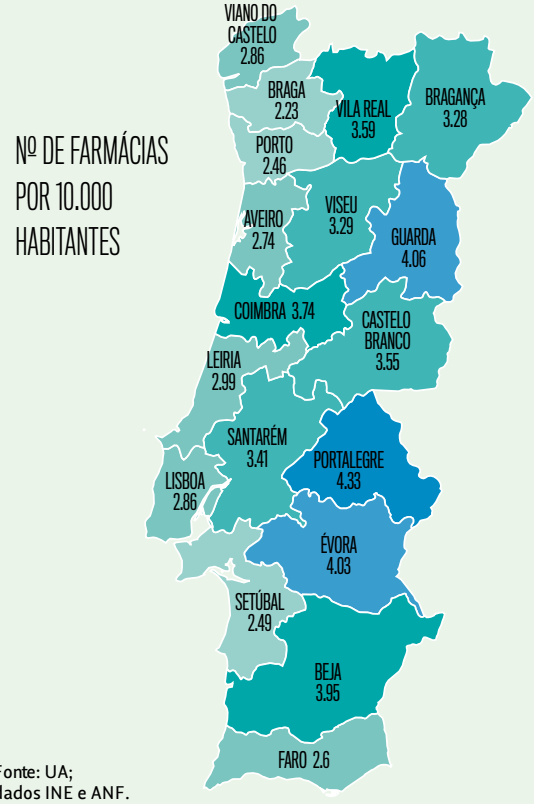
PERDA DE MARGEM DE FARMÁCIAS E GROSSISTAS



Fonte: UA; dados CEFAR; Unidade: Milhões.

2017 2018 OBJECTIVO TROIKA

COBERTURA FARMACÊUTICA



Fonte: UA; dados INE e ANF.

emergência abem: COVID-19

Juntos fazemos chegar saúde a quem mais precisa

É possivel ajudar sem sair de casa!

Faça o seu donativo em ***www.abem.pt****,*
via ***MBWAY**** *através do número:*
932 440 068
ou por transferência bancária, para o IBAN:*
PT50.0036.0000.99105930085.59

O Programa abem: Rede Solidária do Medicamento iniciou a Emergência abem: COVID-19. A iniciativa pretende apoiar os portugueses mais fragilizados economicamente devido à pandemia, a aceder aos medicamentos, produtos e serviços de saúde de que necessitam.

abem:
Rede Solidária do Medicamento

**Os doadores podem enviar comprovativo de transferência, nome e NIF para geral@dignitude.org, para que lhe seja enviado o recibo de donativo.*

Cofinanciado por:
Portugal Inovação Social
Lisb@20 20
CRESC Algarve 2020
PO ISE Programa Operacional Inclusão Social e Emprego
Portugal 2020
União Europeia
Fundo Social Europeu

23 MINUTOS DE UNIÃO

Farmácias fizeram paragem simbólica no dia 27 de Maio.

REPORTAGEM: *SANDRA COSTA*
FOTOGRAFIA: *PEDRO LOUREIRO*

Pouco depois das 15 horas, formou-se um pequeno aglomerado humano à porta da Farmácia Baião Santos, em Queluz, cidade de 80 mil habitantes a meio caminho entre Lisboa e Sintra. As pessoas abrigavam-se do sol abrasador nas arcadas do edifício.

Na porta fechada e nas vitrinas da farmácia estava afixado um comunicado à população da Associação Nacional das Farmácias e da Associação de Farmácias de Portugal. O cartaz expunha as razões da suspensão dos serviços, por 23 minutos, naquela quarta-feira, 27 de Maio (ver páginas seguintes).

A paralisação simbólica de 23 minutos coincidia com o tempo agendado para o debate parlamentar da petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS", assinada por mais de 120 mil portugueses, o que a torna a mais participada das duas últimas legislaturas. O sistema de dispensa de receitas electrónicas esteve inactivo e a linha 1400, para encomenda de medicamentos 24 horas por dia, durante três dias informou os portugueses sobre o

A paralisação simbólica durou 23 minutos, tempo agendado para o debate parlamentar da petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS", assinada por mais de 120 mil cidadãos

que ia ser decidido na Assembleia da República com impacto no serviço das farmácias à população.

A directora-técnica aproveitou aqueles 23 minutos para esclarecer as pessoas. Fátima Baião Santos tinha a certeza de que a paragem simbólica seria bem acolhida. «Vão compreender que é para continuarmos a prestar serviços de apoio à população, como a dispensa de medicamentos hospitalares», declarou antes de sair da farmácia.

Não se enganou. Algumas pessoas já tinham ouvido alguma coisa na televisão, mas gostaram de trocar ideias com a farmacêutica. «Até podia ser o dia todo», comentou um utente. «O Estado deveria olhar mais para as farmácias, com olhos de ver. Os 23 minutos, sinceramente, foram pouco», concordou Lucélia Silva.

O tempo passou depressa. A farmacêutica explicou que não se tratou de uma greve, mas de um alerta para o facto de o futuro das farmácias estar a ser decidido no Parlamento. «Queremos continuar a trabalhar com o Serviço Nacional de Saúde, mas está na altura de haver uma comparticipação do Estado pelos serviços prestados», expôs Fátima Baião Santos.

As pessoas mostraram-se preocupadas por haver mais de 700 farmácias em risco de encerramento, a maioria delas em regiões onde não há outros serviços de saúde de proximidade. «Os utentes são a nossa razão de ser. Dizemos que há luzes que nunca se apagam, porque não queremos que as luzes se apaguem nunca!», enfatizou a farmacêutica.

Às 15h23, as portas da Farmácia Baião Santos voltaram a abrir-se.

«O ESTADO DEVERIA OLHAR MAIS PARA AS FARMÁCIAS, COM OLHOS DE VER»

«Os 23 minutos, sinceramente, foram pouco», considera a utente Lucélia Silva

Os utentes gostaram de trocar impressões com a farmacêutica sobre os problemas das farmácias

APELO AO PARLAMENTO

Recorde aqui o comunicado das farmácias à população.

SALVAR AS FARMÁCIAS,
CUMPRIR O SNS

COMUNICADO À POPULAÇÃO

27.05.2019

A Assembleia da República vai debater hoje, às 15 horas, a petição "**Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS**". Subscrita por mais de 120 mil cidadãos, é a mais participada das últimas duas legislaturas.

A petição é consensual na área da Saúde. Foi assinada por dezenas de associações de doentes, assim como pelos senhores bastonários das Ordens dos Médicos, Enfermeiros, Médicos Dentistas e Farmacêuticos.

Este debate parlamentar é uma oportunidade histórica.

A Assembleia da República pode aproveitar o peticionado pelos portugueses para devolver ao Serviço Nacional de Saúde a capacidade de chegar, de facto, às pessoas.

Uma rede de farmácias sustentável é crítica para a Igualdade dos cidadãos no acesso à Saúde, em todos os pontos do território.

A rede portuguesa atende todos os dias meio milhão de portugueses.

De porta aberta, as farmácias oferecem a todos os cidadãos um primeiro apoio na doença, o acesso seguro aos medicamentos, aconselhamento em saúde e orientação no sistema. São uma rede de profissionais de saúde sempre disponíveis, o que é especialmente valioso nas cidades com marcação prévia e listas de espera para acesso aos cuidados primários, ou nas vilas e aldeias onde aqueles já encerraram definitivamente.

A pandemia de COVID-19 acabou com as dúvidas quanto à importância estratégica para a Economia e até para a Segurança Nacional de um sistema de saúde robusto e próximo das pessoas.

A rede de farmácias organizou-se de imediato para materializar o grande objectivo nacional de Saúde Pública: manter os cidadãos, em particular dos grupos de risco, tranquilamente em casa.

As farmácias criaram a linha telefónica gratuita 1400, através da qual todos os portugueses podem encomendar medicamentos 24 horas por dia.

Dispensaram os medicamentos dos hospitais aos doentes com cancro, esclerose múltipla, VIH/sida e outras doenças.

Garantiram a entrega de medicamentos ao domicílio em qualquer localidade do continente ou das ilhas.

No dia-a-dia, a rede de farmácias impede há muito o colapso do sistema.

Quando os doentes sofrem de atrasos no acesso a consultas médicas, fazem dispensas de medicamentos a crédito e evitam assim a interrupção de milhares de tratamentos, sobretudo de doentes crónicos e em situação de maior fragilidade económica.

Durante a pandemia, o crédito concedido pelas farmácias aos portugueses atingiu o valor recorde de 76 milhões de euros, o que foi possível graças ao consenso entre as Ordens dos Médicos e dos Farmacêuticos para assegurar uma segunda dispensa de medicamentos, com respeito pela última receita médica. Isso permitiu aos doentes crónicos renovar a sua terapêutica sem custos, apesar de o Estado não ter criado condições para assumir a sua responsabilidade nas comparticipações no momento da dispensa.

As farmácias denunciaram à ASAE os preços especulativos nas máscaras e outros equipamentos de protecção de que estavam a ser alvo por parte de fornecedores oportunistas e tomaram a iniciativa de reduzir as suas próprias margens de comercialização.

As farmácias têm uma longa tradição de colaboração com os grandes objectivos nacionais de Saúde Pública, na troca de seringas, na vacinação contra gripe, em programas de rastreio de doenças infecciosas e de promoção de hábitos saudáveis.

Na última década, a rede de farmácias tem sido alvo de uma série de medidas de austeridade que conduziram ao colapso da sua sustentabilidade económica.

Neste momento, há 702 farmácias alvo de processos de penhora e de insolvência, o que corresponde a 24% da rede.

O Estado tem iniciado várias experiências de serviços farmacêuticos críticos para a Saúde dos portugueses, mas esses processos arrastam-se no tempo, sem decisão ou qualquer investimento público.

Há 250 doentes com VIH/sida seguidos há quatro anos nas farmácias comunitárias sem que o Estado assuma qualquer responsabilidade por esse serviço.

A indecisão do Estado deixa os farmacêuticos comunitários entre a espada e a parede. Por um lado, a sua consciência profissional impede-os de deixar de servir um único doente. Por outro, a sobrevivência das farmácias proíbe-os de continuar a prestar serviços gratuitamente, sem qualquer comparticipação por parte do Estado.

Às 15 horas, as farmácias vão suspender o seu funcionamento durante os 23 minutos reservados pela Assembleia da República para debater a petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS". A plataforma informática de dispensa das receitas electrónicas ficará 23 minutos inactiva.

Até o final do debate, a linha telefónica gratuita 1400, que pode usar 24 horas por dia para encomendar medicamentos, irá esclarecer os cidadãos sobre os serviços farmacêuticos em risco por falta de comparticipação.

Com esta paragem simbólica, as farmácias alertam a sociedade e o poder político quanto à urgência de medidas concretas para salvaguardar os serviços das farmácias aos portugueses.

anf Associação Nacional das Farmácias

afp Associação de Farmácias de Portugal

UM RARO CONSENSO

Parlamento recomenda ao governo negociação com as farmácias.

TEXTO: *CARLOS ENES*
FOTOGRAFIA: *MIGUEL RIBEIRO FERNANDES*

Todos os partidos com representação parlamentar defendem medidas concretas para resgatar a rede de farmácias da crise e garantir o seu melhor aproveitamento em benefício da população. A Assembleia da República aprovou, no dia 27 de Maio, todos os projectos de resolução inspirados na petição "Salvar as Farmácias, Cumprir o SNS", apresentados pelo PCP, CDS-PP e Iniciativa Liberal.

«Manifestamos toda a nossa disponibilidade para trabalharmos com a ANF, com todas as farmácias, para que os projectos sejam aprofundados e avaliados, e as respostas sejam encontradas», declarou Sónia Fertuzinhos, deputada do PS. O partido do Governo identificou os projectos-piloto relacionados com a dispensa de medicamentos hospitalares nas farmácias comunitárias como «um bom início para discutir o alargamento dos serviços que as farmácias podem prestar á comunidade».

O PSD concorda que «os serviços farmacêuticos podem e devem ser alargados», dando como exemplo o que aconteceu durante a pandemia, em que as farmácias criaram uma linha de atendimento gratuita, generalizaram as dispensas ao domicílio e garantiram o acompanhamento dos doentes seguidos em ambulatório nos hospitais. «O PSD considera que as farmácias devem ver reforçado o seu papel no acesso dos portugueses à saúde e espera que o governo saiba perceber os benefícios que adviriam para as pessoas do reforço da colaboração entre as farmácias e o SNS», declarou o deputado social-democrata, Álvaro Almeida.

Todos os partidos coincidem no diagnóstico de crise da rede de farmácias, apresentando diferentes medidas para resolver essa ameaça. O Bloco de Esquerda e o PCP defendem a revogação da legislação que permitiu a venda de medicamentos em supermercados e outras lojas. A resolução do PCP aprovada pelo Parlamento inclui esta medida. Para o deputado Moisés Ferreira, do Bloco de Esquerda, ela é indispensável para «acabar com uma concorrência completamente desleal que existe à farmácia comunitária».

A deputada Paula Santos, do PCP, apelou ao Governo para «que promova uma avaliação do modelo de remuneração das farmácias, tendo presente a experiência dos outros países». Os Verdes, parceiro de coligação na CDU, «entendem que é preciso adoptar medidas que assegurem a sustentabilidade económico-financeira das farmácias comunitárias», declarou o deputado José Luís Ferreira. Os comunistas concordam com a dispensa de medicamentos hospitalares nas farmácias comuni-

tárias, «desde que sem custos acrescidos para o Estado e os utentes».

O CDS-PP viu aprovado o seu projecto de resolução que propõe, entre outras medidas, o aproveitamento das farmácias no acompanhamento e monitorização de doentes crónicos, na dispensa de medicamentos oncológicos e para o VIH/sida, e na vacinação contra a gripe. «O CDS reconhece o papel fundamental das farmácias comunitárias, juntando a sua voz às destes 120 mil subscritores. Por isso, acompanha várias das propostas desta petição, algumas delas já demonstradas como ganho durante a pandemia COVID-19», declarou a deputada Ana Rita Bessa.

O PAN concorda que «é necessário avaliar a dispensa de medicamentos hospitalares em contexto de farmácia comunitária», pondo como critério «a inexistência de agravamento de custos para os utentes. A deputada Bebiana Cunha defendeu que essa medida beneficiaria «as pessoas idosas e os doentes crónicos com dificuldade de aceder à medicação de que necessitam».

O deputado do Chega declarou que «salvar as farmácias é fundamental. A saúde e a proximidade são tarefas fundamentais que nos devem unir a todos». André Ventura criticou, contudo, «preconceitos ideológicos da esquerda» que em sua opinião condicionam o debate.

A Iniciativa Liberal fez aprovar dois projectos de resolução. O primeiro, recomenda ao Governo a revisão dos mecanismos de formação dos preços dos medicamentos e de fixação das margens das farmácias, com dois objectivos: garantir a sustentabilidade do sector, mas também «maior transparência». O segundo, como o do CDS, é relativo à dispensa de medicamentos hospitalares em farmácia comunitária. «Em Portugal, continua-se a pressupor, erradamente, que a introdução de medicamentos nas farmácias aumenta os custos por via das margens. Tal pressuposição ignora o que hoje são as margens das farmácias e os grandes custos hospitalares para gerir doentes não internados, para pagar os respectivos transportes ou com crónicas dívidas à indústria farmacêutica», fundamenta o deputado João Cotrim de Figueiredo.

O vice-presidente da Assembleia da República aproveitou o consenso dos partidos na defesa das farmácias e fechou o debate com o seu testemunho. «Recordo-me bem que nos piores momentos da pandemia passava por três farmácias e nunca as vi encerradas. Fosse de dia, fosse de noite. E depois soube do relevantíssimo papel social que têm junto dos portugueses mais desfavorecidos», declarou Fernando Negrão.

«Manifestamos toda a nossa disponibilidade para trabalharmos com a ANF, com todas as farmácias, para as respostas sejam encontradas»

Sónia Fertuzinhos
PS

«As farmácias comunitárias, sendo no essencial micro e pequenas empresas, desempenham um serviço público de grande relevância»

Paula Santos
PCP

«A COVID-19 veio demonstrar a capacidade das farmácias de materializar de imediato o grande objectivo de Saúde Pública, que era manter os cidadãos, em particular dos grupo de risco, tranquilamente em casa»

José Luís Ferreira
PEV

«O objectivo dos peticionários, que é a preservação da rede de farmácias, é também o objectivo do PSD»

Álvaro Almeida
PSD

«É preciso acabar com uma concorrência completamente desleal que existe à farmácia comunitária na venda de medicamentos»

Moisés Ferreira
Bloco de Esquerda

«As farmácias não vêm pedir subsídios, mas antes a capacidade de prestar mais serviços»

Ana Rita Bessa
CDS-PP

«Temos de relembrar que a nossa rede de farmácias é uma das melhores do mundo, em número de profissionais qualificados por farmácia»

Bebiana Cunha
PAN

«Salvar as farmácias é uma tarefa fundamental, que nos deve unir a todos»

André Ventura
Chega

«As farmácias são o símbolo da proximidade ao cidadão. São muitas vezes os farmacêuticos que ouvem a primeira queixa, dão o primeiro conselho, acompanham diariamente as pessoas, em especial os idosos»

João Cotrim Figueiredo
Iniciativa Liberal

«Recordo-me bem que nos piores momentos da pandemia passava por três farmácias e nunca as vi encerradas. Fosse de dia, fosse de noite. E depois soube do relevantíssimo papel social que têm junto dos portugueses mais desfavorecidos»

Fernando Negrão,
vice-presidente da Assembleia da República

FERNANDO ARAÚJO

«NÃO ESTAMOS A USAR AS FARMÁCIAS DEVIDAMENTE»

Presidente do Centro Hospitalar Universitário de São João defende remuneração dos serviços farmacêuticos e incentivos às farmácias do Interior.

ENTREVISTA:
MARIA JORGE COSTA

FOTOGRAFIA:
JOSÉ PEDRO TOMAZ

***REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA (RFP):* É mais difícil ser presidente do conselho de administração de um hospital do que governante?**

FERNANDO ARAÚJO (FA): No Ministério da Saúde estamos enclausurados naquele *bunker*, na Avenida João Crisóstomo, em Lisboa, muitas vezes fora da realidade. Aqui estamos próximo das pessoas. Vêm falar connosco, apontam problemas, colocam questões. Temos de responder porque é que a consulta ainda não foi marcada, a cirurgia não foi realizada. Temos de dar mais de nós próprios, estamos mais expostos. Mas também lhe digo, é muito mais realizador estar nesta frente. E quando as coisas acontecem ver a alegria e a satisfação dos profissionais e dos utentes.

***RFP:* O que o deixou mais orgulhoso no Ministério da Saúde?**

FA: Acima de tudo conseguir juntar pessoas, profissionais, em volta de causas, de projectos. Um secretário de Estado ou um ministro, mesmo conhecendo muito bem a área, tem muito para aprender. Juntar equipas focadas em projectos e depois vê-los acontecer foi o mais importante e a lição que retive.

***RFP:* E houve alguma iniciativa que não tenha conseguido?**

FA: A Saúde Pública, no sentido da promoção da saúde e prevenção da doença, sempre foi vista como um patinho feio. Não é muito apelativa porque não aparece na primeira página dos jornais. Apostas nesta área demoram cinco, dez anos, uma geração a ter resultados. Foi das áreas em que mais me empenhei e conseguimos fazer algumas mudanças. Tenho pena de não termos conseguido ir mais longe. Conseguimos introduzir a tributação das bebidas açucaradas, após muita discussão e hoje é reconhecida como uma excelente medida, reduziu o consumo de açúcar nos jovens, e vai ter impacto na diabetes no futuro. Tenho pena de não termos feito o mesmo relativamente ao sal. Era uma medida extremamente bem delineada, feita pela Ordem dos Nutricionistas, e não passou no Parlamento.

***RFP:* Era secretário de Estado da Saúde quando o Governo assinou o último acordo-quadro com as farmácias, em 2017. Que balanço faz?**

FA: Um balanço muito positivo. O sector das farmácias é imprescindível para o país, mas não o estamos a utilizar devidamente. É a maior rede de prestação de cuidados de saúde, muito maior do que os centros de saúde e extensões. As farmácias estão em todos os locais e têm a característica única de os portugueses confiarem nos farmacêuticos. É uma área à qual tentámos dar um novo impulso. Ainda há muito para fazer na relação com as

«Aqui estamos mais próximos das pessoas. Temos de responder porque é que a consulta ainda não foi marcada, a cirurgia não foi realizada», relata o ex-secretário de Estado

farmácias e os farmacêuticos, e das farmácias com a comunidade.

RFP: **A verdade é que havia uma série de iniciativas previstas no acordo que não avançaram. Porquê?**

FA: Há vários problemas. O Estado é uma máquina pesada, por vezes é complicado ultrapassar e pressionar para que as coisas aconteçam mais rapidamente. Há outros interesses instalados, como se viu, por exemplo, com os meios de diagnósticos rápidos. Com bons líderes e algum tempo é possível mudar e fazer acontecer, e nós conseguimos abrir algumas

«Conseguimos a tributação das bebidas açucaradas, o que vai ter um impacto positivo na diabetes do futuro»

áreas. Um bom exemplo são os testes para o VIH/sida, que eram um problema enorme. Havia alguma vontade de alguns sectores da Saúde em não fazer acontecer e o certo é que conseguimos. Colocámos os testes nas farmácias. Primeiro, realizados por farmacêuticos. Numa segunda fase, permitimos aos utentes comprar o teste e fazê-lo ao domicílio. Foi um projecto ganho, com sucesso, mas precisou de tempo, de ganhar a confiança dos vários sectores, foi necessário mudar legislação. As farmácias estiveram sempre do lado da solução, a tentar concretizar o projecto. Eu acho que é um bom exemplo de que se houver vontade, determinação e liderança, conseguimos.

RFP: **O facto desse projecto, o *Fast-Track Cities*, ser um programa da ONUSIDA foi importante para avançar?**

FA: Foi determinante. A grande vantagem do programa é unir os vários parceiros. Portugal tem, continua a ter, uma das maiores taxas de incidência de VIH/sida na Europa. Temos de usar todas as armas disponíveis para conseguir identificar precocemente os casos e trazê-los para tratamento. Isso só é possível se juntarmos as várias forças, as autarquias, as ONG, as farmácias, enfim, todos os que nos possam ajudar. Não foi fácil, mas o exemplo vai seguramente ajudar a acelerar a meta que todos queremos, que é Portugal livre da epidemia de

VIH/sida. Tendo atingindo as metas da ONUSIDA – 90 por cento das pessoas com VIH diagnosticadas, 90 por cento delas em tratamento, 90 por cento das pessoas em tratamento com carga viral indetectável, – estamos no caminho de passar para as metas de 95/95/95. Depois virá, seguramente, o objectivo fundamental: erradicar a epidemia do VIH/sida em Portugal.

RFP: **Esteve no lançamento do projecto-piloto que permitiu aos doentes com VIH/sida do Hospital Curry Cabral, em Lisboa, escolher uma farmácia comunitária para levantar os seus medicamentos anti-retrovirais.**

FA: O objectivo é a melhoria do acesso aos medicamentos, através das farmácias comunitárias próximas do local de residência dos doentes. Queríamos muito trazer a proximidade para melhorar a adesão, reduzir custos com deslocações, reduzir a pressão nos hospitais. Havia um conjunto de constrangimentos, havia vários sectores do lado da Saúde que não viam isso como vantagens, por razões várias. Tivemos de ultrapassar, obstáculo a obstáculo, questões legais, técnicas, científicas. O projecto em Lisboa foi um sucesso. Os doentes aderiram e ainda se mantêm a receber a terapêutica nas farmácias. Devo recordar que a escolha de uma farmácia comunitária por parte dos doentes é voluntária. Poderiam, a qualquer altura, voltar a receber a medicação no hospital, mas quiseram continuar a receber na farmácia.

RFP: **Foram os elevados índices de satisfação dos utentes que o levaram a trazer esse projecto para o Hospital de São João?**

FA: O facto de ter sido um sucesso foi a razão para trazer para o Norte, para o São João. Com o apoio da ANF, achámos que era possível melhorar. O nosso projecto, que se chama *Farma2Care*, vai replicar e melhorar algumas questões da experiência do Curry Cabral, nos sistemas de informação, na distribuição dos fármacos, na forma da adesão dos doentes. O projecto arrancou a 1 de Dezembro do ano passado, Dia Mundial da Luta Contra a Sida. Os primeiros doentes começaram a receber os seus medicamentos na comunidade muito antes de ter acontecido a actual pandemia.

RFP: **Explique melhor a população abrangida.**

FA: São doentes do Hospital de São João (HSJ), mas distribuídos por toda a região Norte. Temos doentes de Viana do Castelo, de Vila Real, de Bragança, de Braga. O projecto neste momento está focado nos doentes seguidos no hospital, mas que podem residir noutros distritos. Mesmo alguém que more no Porto, prefere por vezes receber os medicamentos na farmácia da sua rua, em que pode ir ao final do dia buscá-los, durante o fim-de-semana, em vez de ter de se deslocar ao hospital, com mais dificuldade de acesso. Os grandes objectivos são a abrangência regional e a avaliação da satisfação dos doentes. Estando bem estruturado, o projecto pode facilitar a proximidade no acesso a medicamentos de uso exclusivamente hospitalar e que forçam os doentes, ou as famílias, todos os meses, ou de três em três meses, a vir ao hospital sem necessidade clínica.

«FARMÁCIAS TÊM DE ESTAR NO TOPO DA AGENDA DA COESÃO TERRITORIAL»

RFP: **Vão ter supervisão, avaliação externa?**

FA: Sim. Uma das dimensões importantes é a avaliação. Queremos escrutínio, avaliação por várias partes, para termos a certeza de que está a ser bem feito. Temos o apoio da Ordem dos Farmacêuticos, que nos dá um cunho técnico-científico. Contamos igualmente com avaliações do ISPUP (Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto), do CEMBE (Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência da Faculdade de Medicina de Lisboa) e do CEFAR (Centro de Estudos e Avaliação em Saúde da ANF). Queremos aferir resultados, o que está a acontecer. Queremos que o Infarmed acompanhe o projecto. Tem de ser o mais transparente possível, para que não haja dúvidas sobre cada uma das etapas, em termos de segurança e qualidade.

RFP: **Para este projecto, as farmácias prestam serviços muito para lá dispensa: adesão à terapêutica, monitorização da adesão à terapêutica, eventuais situações de segurança. São serviços suportados**

pelas farmácias. Está prevista alguma forma de remunerar este serviço farmacêutico?

FA: É uma questão muito pertinente. Até agora, as farmácias estiveram disponíveis para o fazer de forma gratuita, e vale a pena sublinhar isso, porque senão tínhamos muita dificuldade em implementar. Um dos *outputs* deste projecto é determinar o valor acrescentado desse serviço e a remuneração das farmácias. Se há um trabalho que deixa de ser feito pelos hospitais, se há um encargo que o SNS deixa de ter do lado dos hospitais, é justo que essa mais-valia seja partilhada com quem vai prestar o serviço, neste caso as farmácias. Queremos que a remuneração das farmácias seja um dos resultados finais deste projecto.

RFP: **Há previsões de quando se conseguirá determinar o valor em saúde do *Farma2Care* e passar à discussão da remuneração?**

FA: Esperamos que até ao final deste ano seja possível. Nessa altura, teremos um ano de distribuição de fármacos anti-retrovirais, teremos eventualmente seis meses de distribuição de medicamentos para a esclerose múltipla e alguns oncológicos. Teremos, na minha opinião, as bases para ter um cálculo sobre o valor em saúde que o projecto traz e como podemos remunerar todos os parceiros.

RFP: **Todos os dias as farmácias prestam serviços não remunerados. A indústria farmacêutica é remunerada de acordo com critérios objectivos consagrados na lei, em função do que acontece num conjunto de países europeus. A remuneração das farmácias não tem essa garantia e está muito dependente do preço dos medicamentos. Qual é a sua opinião sobre isto?**

FA: Cada vez mais temos de fugir do critério do volume de medicamentos vendidos para o dos serviços. Em muitos casos, o volume até pode induzir uma maior venda. Se temos especialistas nas farmácias com excelente formação, como são os farmacêuticos, devemos aproveitar esse grupo de profissionais de saúde. A remuneração dos serviços, para mim, faz todo o sentido. Muito mais do que o volume de vendas, quando por vezes isso não traz valor acrescentado para os doentes. Temos de perceber como pode ser feito sem afectar a sustentabilidade das farmácias. Como trazer valor para a sociedade sem afectar a rentabilidade dos próprios estabelecimentos, naturalmente. Esta questão dos anti-retrovíricos, a distribuição dos medicamentos hospitalares, pode ser um bom caminho para perceber o valor e tentar remunerar as farmácias pelo serviço e não pelo volume das embalagens vendidas.

RFP: **Há centenas de farmácias em risco de falência, sobretudo as mais pequenas, que servem populações mais isoladas. Como garantir que não fecham as portas?**

FA: Mais uma vez, não pode ser por volume de fármacos vendidos, porque por aí não serão sequer sustentáveis, mas por serviços prestados. O modelo tem de ser adaptado a regiões do Interior, porque o risco que corremos é essas farmácias fecharem. O SNS, o Estado, não tem respostas adequadas para as pessoas nesses locais. Tem de haver alguma diferenciação do serviço farmacêutico prestado no Interior.

RFP: **Em muitas regiões, a população não tem outros profissionais de saúde de acesso fácil. Se também fecharem as portas, isso não é um problema para a Coesão Territorial, objectivo estratégico do Governo?**

FA: Quando a Saúde deixa de estar presente, o resto da comunidade acaba por desfazer-se rapidamente e extinguir-se. As pessoas vão embora. A Saúde é um bem fundamental que dá segurança à população. E as farmácias nisso são muito importantes. Quando se fala em coesão territorial, em equidade, significa

«VACINAÇÃO CONTRA A GRIPE NAS FARMÁCIAS TEM DE SER GENERALIZADA»

que uma pessoa em Bragança deve ter os mesmos direitos que um habitante do Porto ou de Lisboa. Isso implica acesso e disponibilidade a serviços de saúde. Temos de olhar para as farmácias como esses bastiões que garantem a presença de profissionais de saúde e, com isso, agregam as populações. Dão confiança e segurança às pessoas de que têm uma resposta por perto quando têm problemas de saúde. O SNS tem de as englobar, de pensar na forma de as manter sustentáveis, de as manter activas neste sistema para dar resposta aos utentes.

RFP: **Isso implica algum tipo de incentivos.**

FA: Seguramente. Quando se fala nas várias formas de incentivar a coesão, as farmácias têm de ser colocadas no topo da agenda dessa discussão.

RFP: **Como interpreta o facto de a petição "Salvar as farmácias, cumprir o SNS" ter sido a maior da anterior legislatura, com mais de 120 mil assinaturas?**

FA: É muito relevante perceber a confiança que os portugueses depositam nas farmácias. E o SNS, o sistema de saúde em geral em Portugal, tem de

«Até ao fim do ano, queremos que a remuneração das farmácias seja um dos resultados do projecto-piloto Farma2Care»

«O Estado é uma máquina pesada, por vezes complicadoa de ultrapassar para que as coisas aconteçam mais rapidamente»

«Temos de olhar para as farmácias como bastiões que garantem a presença de profissionais de saúde e agregam as populações»

aproveitar esse capital, depositar nas farmácias outras respostas que elas podem dar, para servir as pessoas. São soluções mais económicas para o Estado.

RFP: **Voltamos ao conceito de valor económico em saúde.**

FA: Sim. Temos de assegurar a rentabilidade suficiente para as farmácias se manterem no jogo. Mas a base da discussão não pode ser a percentagem sobre o preço de venda, mas outro conjunto de missões muito diferentes.

RFP: **Falou noutros serviços que as farmácias podem prestar. Que tipo de serviços?**

FA: Por exemplo, dez por cento da população é diabética, a maior percentagem em toda a Europa. Um em cada dez portugueses é diabético. Metade da população é obesa ou tem excesso de peso. Um em cada três portugueses tem tensão arterial elevada e corre riscos de doenças cardiovasculares. As farmácias podem ser excelentes pontos de promoção da saúde, do ponto de vista da prevenção da doença, assim saibamos utilizá-las, integrá-las nesse sistema e torná-las agentes activos nessa área.

RFP: **Estava no Governo quando foi lançado o projecto-piloto da integração das farmácias na vacinação contra a gripe na população com mais de 64 anos. Os números indicam um aumento significativo da cobertura vacinal de um grupo de risco. Porque é que dois anos depois só funciona em Loures?**

FA: É uma boa pergunta. Esse exemplo tem de ser disseminado, precisa de uma liderança clara do ponto de vista político. A dispensa de prescrição médica nos grupos abrangidos, a integração dos dados dos utentes vacinados no registo electrónico nacional, tudo isso é possível. E é desejável, porque reduz a pressão sobre os cuidados primários e hospitalares. Se pudermos disseminar essa experiência, mais facilmente conseguimos a adesão das pessoas à vacinação e maior facilidade para os serviços de saúde, ao verem reduzida essa carga de trabalho. É uma das áreas em que acho que faz sentido aprofundar, aproveitar a mais-valia e replicar. Nos grupos considerados de risco, em que é recomendada a vacinação, é possível e desejável termos um circuito muito simples, flexível, sem burocracias. Para que as pessoas possam aceder à vacina a que têm direito e com isso proteger-se de infecções mais graves, que as levam ao serviço de urgência, com outras complicações, que ficam muito mais dispendiosas para o SNS.

> «PORTUGAL É O PAÍS EUROPEU QUE MENOS INVESTE EM PREVENÇÃO»

RFP: **Vacinou-se contra a gripe?**

FA: Sim.

RFP: **Há muitos anos, ou só desde que esteve no Governo?**

FA: Sempre me vacinei. Há aqui no hospital um programa activo nesse sentido anterior à ida para o Governo. Sou adepto de nos prevenirmos e continuarei a vacinar-me.

RFP: **É a melhor forma de prevenir a gripe?**

FA: A vacinação é um bom exemplo da evidência científica. A ciência demonstra os benefícios da vacinação para o indivíduo e para a sociedade. Temos de combater as pseudociências de alguns movimentos inorgânicos que põem em causa fundamentos bem alicerçados. As vacinas aprovadas, e que estão no plano oficial, são um bem essencial para o país.

RFP: **Que análise faz ao Orçamento de Estado (OE) para 2020, relativamente à Saúde?**

FA: Antes de mais, é dada prioridade política à Saúde e isso é bom. O OE tem quatro dimensões novas: reforço financeiro; aumento da autonomia; recursos humanos e investimento. Relativamente à primeira, mais do que o reforço, os 940 milhões de euros inscritos, há uma antecipação do que se fazia durante o ano. Em vez de fazer extensões extraordinárias de capital ao longo do ano, colocá-lo logo à partida torna o Orçamento mais transparente, mais exigente, e isso é bom. Quanto à autonomia, nomeadamente dos hospitais EPE, também é

Fernando Araújo elogia «maior transparência» no Orçamento de Estado, mas lamenta «falta de medidas de prevenção da doença»

boa, porque aumenta a respectiva eficiência. Na terceira área, dos recursos humanos, prevê a contratação de 8.400 profissionais em dois anos, 4.200 cada ano. Por fim, o investimento de mais 170 milhões de euros em Saúde. São áreas muito importantes para reforçar o SNS. A questão é ver como vamos aplicar essas medidas. Uma das áreas em que fiquei mais decepcionado foi a da Saúde Pública. Não houve nenhuma medida, além das que já existiam, para a prevenção da doença. Portugal é o país europeu que menos aplica dinheiro na prevenção. Menos de um por cento do OE está ligado à prevenção da doença.

RFP: **E há evidência científica de que a prevenção traz poupança mais à frente.**

FA: É verdade! Essa é a grande questão. O sistema, em si, não é sustentável. Os fármacos têm um valor cada vez mais elevado, sobretudo nas doenças crónicas com uma prevalência muito impactante na sociedade portuguesa. A única forma de conseguir um orçamento sustentável é reduzir a carga da doença. Promover a saúde é prevenir a doença. Enquanto não o fizermos, andamos sempre atrás do prejuízo, a ver como conseguir mais verbas para pagar mais medicamentos.

sauda
CONTINUE A LER EM
www.revistasauda.pt

A ala pediátrica, o *burnout* e a vida depois do Governo

VEJA TAMBÉM OS VÍDEOS

COVID-19

«O INVERNO VAI SER DIFÍCIL»

Fernando Araújo garante que o Hospital de São João está preparado para todos os cenários.

RFP: **O Hospital de São João estava preparado para o Coronavírus?**

FA: O planeamento minucioso permitiu-nos estar um passo à frente do que ia acontecendo. Estamos muito orgulhosos do trabalho de todos os profissionais. Motivação, força e coragem foram o segredo. Funcionámos como uma equipa muito coesa e multidisciplinar – e isso vai ficar como forma de trabalhar para o futuro.

RFP: **Quantos doentes foram tratados?**

FA: Mais de dois mil doentes. No pico, entre o final de Março e princípio de Abril, tivemos em simultâneo para cima de 200 doentes internados, com cerca de 60 em medicina intensiva. O número de recuperados é de 1.700.

RFP: **O Verão preocupa-o?**

FA: Preparámo-nos para pequenos surtos e estabilização do número de casos novos. Mantemos um plano de contingência caso haja o agravamento da situação, mas não creio que surja uma segunda vaga no Verão.

RFP: **As equipas devem estar exaustas. Vão começar as férias, vai ficar com menos profissionais.**

FA: Sim, as equipas estão esgotadas. Há gente que não tirou um dia de descanso desde Março. Precisam mesmo de ir descansar, porque vamos precisar deles em forma para um Inverno que se prevê muito exigente, difícil e complexo. Não se esqueça que as doenças de Inverno são em grande maioria infecções respiratórias e vamos ter de as ver também pelo filtro do novo coronavírus.

RFP: **A redução de actividades clínicas não COVID pode ter impacto negativo na população. O HUSJ fechou tudo?**

FA: O Hospital foi-se adaptando à evolução da situação. O bloco cirúrgico esteve a 20 por cento, neste momento já está a 100 por cento. Mantivemos o acompanhamento a patologias graves, designadamente de Oncologia, Cirurgia Cardiotorácica e Cirurgia Vascular. Não tenho dúvida, no entanto, que há um impacto negativo em doentes não COVID, análise que faremos mais à frente. Temos muitos doentes que faltaram a consultas e exames, com receio de isso pode ter implicações na sua saúde. Queremos aproveitar a fase actual de acalmia para intensificar e chamar doentes.

RFP: **Teve pena de não poder vestir a bata de médico?**

FA: Naturalmente que sim, mas em cada momento temos de dar resposta às responsabilidades que temos.

MUNDO USA FARMÁCIAS CONTRA O VÍRUS

TEXTO: *CATARINA NOBRE E LILIANE PINHEIRO*

A pandemia de COVID-19 levou os governos de todo o mundo a alargar os serviços prestados pelas farmácias comunitárias.

O objectivo de Saúde Pública de conter a propagação do vírus determinou a implementação da dispensa generalizada de medicamentos ao domicílio, serviço vital para grupos de risco como os idosos e doentes crónicos com imunidade diminuída. Países como a Alemanha, Austrália, França, Espanha, Estados Unidos da América, Itália, Inglaterra, Irlanda e Polónia recorreram a este serviço farmacêutico. O seu financiamento foi fixado em 5€ na Alemanha, 4,8€ na Austrália e 5,5€ no Reino Unido.

Vários países flexibilizaram o horário de abertura, bem como os turnos de serviço das farmácias. Estas medidas visam optimizar a resposta da rede aos picos de procura. Por outro lado, permitem dividir os profissionais da farmácia em equipas diferentes, o que evita fechar o serviço ao primeiro caso de infecção.

Na Escócia, foi anunciado um pacote de 5,5 milhões de libras (6 milhões de euros) de financiamento adicional às farmácias comunitárias para cobrir os custos acrescidos com recursos humanos, medidas de desinfecção e materiais de protecção. Para diminuir a pressão

Para responder à pandemia, o SNS do País de Gales reforçou em 20 milhões de euros o contrato-programa com as farmácias

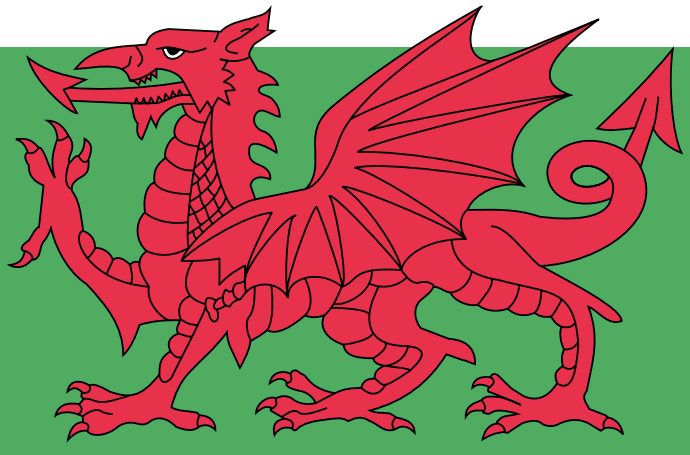
sobre médicos e cuidados hospitalares, as autoridades escocesas reforçaram a intervenção das farmácias no tratamento de afecções menores de saúde. Os doentes inscrevem-se numa farmácia à sua escolha para beneficiar deste serviço. Até 1250 doentes registados, o Estado paga a cada farmácia oito mil euros anuais. Acima desse número a remuneração sobe para 17 mil euros.

Já o governo inglês procedeu à antecipação do financiamento das farmácias comunitárias no valor de 300 milhões de libras (333 milhões de euros), em reconhecimento da pressão financeira adicional a que ficaram sujeitas. Cada farmácia recebeu um financiamento adicional de 277€, por hora, pela abertura durante o período da Páscoa e nos feriados, entre as 14h às 17h.

Outra preocupação das autoridades de saúde em todo o mundo foi evitar a interrupção de tratamentos a doentes crónicos, devido às falhas no abastecimento de medicamentos no mercado e à maior dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Austrália, Croácia, Eslováquia e Estados Unidos da América (em alguns estados) permitiram que os farmacêuticos comunitários procedam à substituição terapêutica, dentro de regras compatíveis com as prescrições médicas. Em França, os farmacêuticos passaram a substituir dispositivos médicos.

VÁRIOS PAÍSES FLEXIBILIZARAM O HORÁRIO DE ABERTURA, BEM COMO OS TURNOS DE SERVIÇO DAS FARMÁCIAS. ESTAS MEDIDAS VISAM OPTIMIZAR A RESPOSTA DA REDE AOS PICOS DE PROCURA

REVOLUÇÃO NAS CONSULTAS



No País de Gales, no retorno à actividade após o pico pandémico, o governo iniciou um projecto-piloto para a realização de consultas médicas à distância nas farmácias, através do software do SNS local, "*Attend Anywhere*".

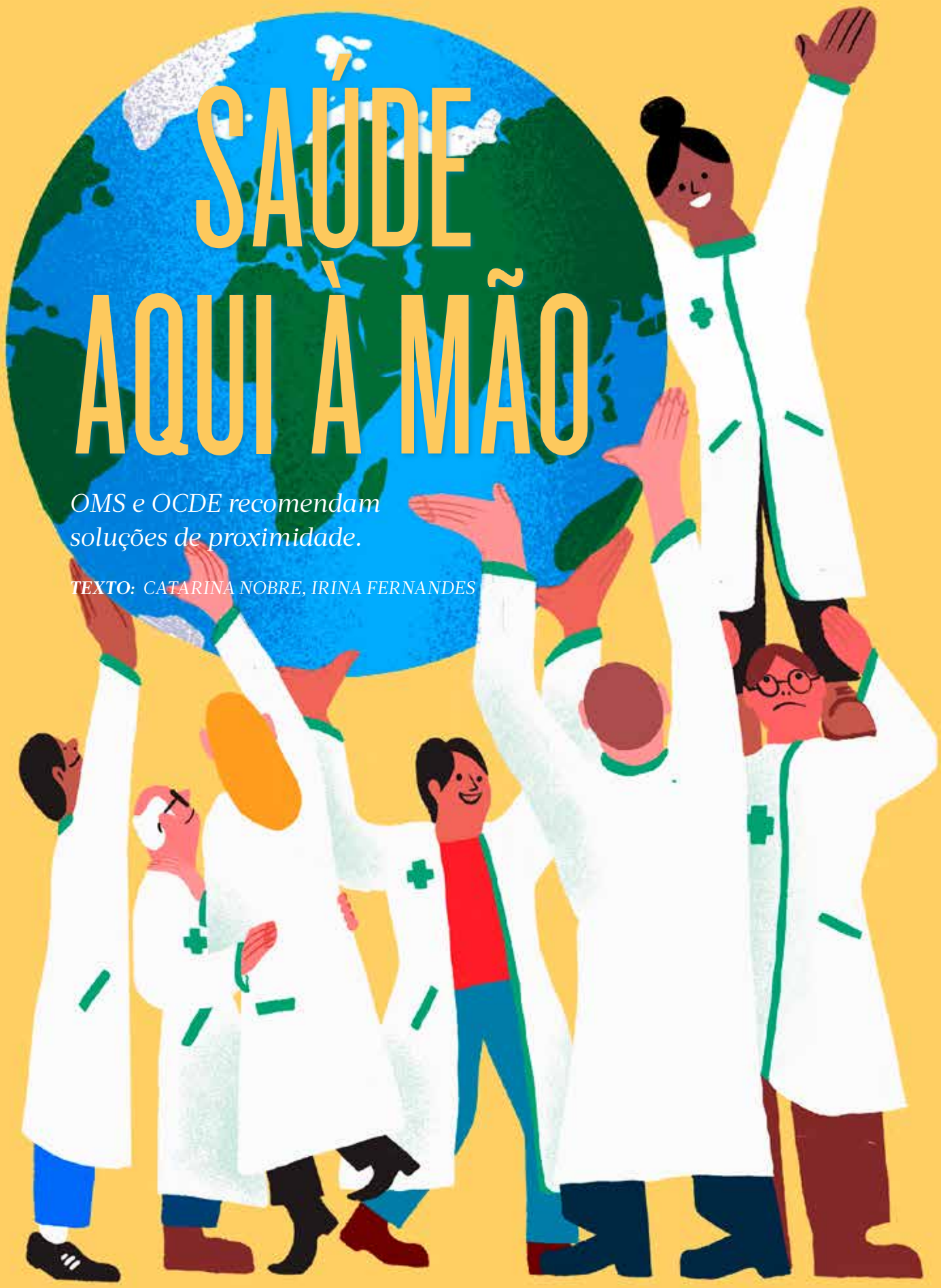
As farmácias comunitárias privadas já prestam um grande pacote de serviços públicos, financiados por contrato. Os 3 milhões de cidadãos galeses têm acesso nas farmácias à vacinação contra a gripe comparticipada pelo Estado, aconselhamento em afecções menores, administração de injectáveis, contracepção de emergência e diversos programas de Saúde Pública, como cessação tabágica e troca de seringas. As farmácias fazem regularmente a revisão da terapêutica individual, com vista a abolir duplicações e interacções medicamentosas nocivas à saúde dos doentes, em particular depois da alta hospitalar.

Em Junho, foi anunciado um reforço de 20 milhões de euros no contrato-programa com a rede de farmácias. O valor global do financiamento público vai fixar-se em 164M€ este ano, 167M€ em 2021 e 170M€ em 2022.

SAÚDE AQUI À MÃO

OMS e OCDE recomendam soluções de proximidade.

TEXTO: *CATARINA NOBRE, IRINA FERNANDES*



©LORD MANTRASTE

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) defende «a crescente utilização dos farmacêuticos comunitários em tarefas de promoção da literacia dos doentes, prevenção, gestão da doença crónica e imunização». Para responder à pandemia, recomenda aos governos uma reforma dos cuidados primários, com dois eixos: equipas de saúde multidisciplinares, baseadas na comunidade, e modernização tecnológica.

O organismo internacional, que federa 38 países democráticos com economias de mercado, considera que «a actual pandemia permitiu perceber que muitos profissionais de saúde devem ver as suas competências alargadas, promovendo práticas inovadoras». Novos papéis para enfermeiros e farmacêuticos comunitários «têm o potencial de reduzir a carga imposta aos médicos dos cuidados primários, sem prejudicar a qualidade dos cuidados prestados e a satisfação do doente».

A OCDE valoriza as competências extracurriculares dos farmacêuticos, em particular «o conhecimento profundo sobre as suas comunidades». Farmacêuticos com papéis mais desenvolvidos «contribuem para melhorar os resultados em saúde, ajudando doentes a fazer a melhor utilização possível dos medicamentos, prevenindo tomas incorrectas dos mesmos» Para além disso, podem ser aproveitados em tarefas de aconselhamento em saúde, literacia e rastreios preventivos.

O relatório "*Realising the Potential of Primary Health Care*" elogia a tendência de maior utilização dos farmacêuticos comunitários, na resposta à COVID-19, em países como Inglaterra, Bélgica, Finlândia, Itália e Suíça, «melhorando o acesso a cuidados de saúde primários em locais mais remotos». Portugal é nomeado como um exemplo porque os farmacêuticos foram autorizados a renovar prescrições para determinados medicamentos, permitindo minimizar o número de consultas.

Para «gerir a crescente procura por cuidados de saúde, reduzindo as desigualdades geográficas no acesso», a OCDE defende «a reconfiguração dos cuidados primários, através da tecnologia digital e da prestação de cuidados por equipas multiprofissionais». De acordo com o relatório, os governos devem «capacitar as equipas locais de saúde, através da formação e de legislação apropriada».

A Organização Mundial de Saúde (OMS) incentiva os governos a «confiar nos farmacêuticos para fornecer informação de primeira linha à população». É necessário que as farmácias comunitárias prestem aconselhamento regular à comunidade sobre «isolamento, distanciamento social e cuidados a ter em situação de quarentena». Para esse efeito, devem procurar «sempre que possível, disponibilizar materiais gráficos com instruções aos utentes sobre as técnicas correctas de lavar as mãos e usar máscaras», como aconteceu em Portugal.

A proximidade territorial e a confiança da população nos farmacêuticos são estratégicas na implementação das políticas de Saúde Pública. «Os farmacêuticos têm um papel importante no combate à desinformação e na resposta a alegações enganosas e falsas sobre a eficácia de vários tratamentos para o COVID-19», sustenta a OMS.

A OMS considera indispensável integrar as farmácias comunitárias na resposta à pandemia COVID-19. Para deter a pandemia, é decisiva «a transferência de serviços essenciais de saúde e assistência social do hospital para a comunidade». Isso compreende as consultas de telemedicina e as plataformas digitais, por um lado, e os serviços de saúde de proximidade, como as farmácias comunitárias e as pequenas clínicas particulares. O relatório admite a transferência de serviços de vacinação e de cuidados pré-natais, desde que com formação e período de adaptação adequados.

As farmácias devem «aumentar a dispensa ao domicílio de medicamentos com e sem receita médica». Por outro lado, precisam de reorganizar as suas equipas e turnos, para garantir a continuidade do seu serviço mesmo que algum elemento seja infectado.

UM MUNDO DE MÁSCARAS

1 *JURUPIXUNA*
Brasil, 1783–1792
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

2 *DIAO CHAN*
Guizhou, China, 1960
Museu do Oriente

3 *RANRYO*
Japão, séc. XIX
Museu do Oriente

4 *ATUJUWÁ AJOU NAU*
Mato Grosso, Brasil, séc. XX
Museu Nacional e Etnologia

5 *JURUPIXUNA*
Brasil, 1783–1792
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

6 *PARALISIA FACIAL*
Congo, séc. XX
Museu da Farmácia

7 *CHOCALHEIRO DA BEMPOSTA*
Bemposta, Mogadouro, Portugal
Museu Nacional de Etnologia

PESTE NEGRA
Europa, Século XVII/XVIII
Museu da Farmácia

©LUÍS SILVA CAMPOS

VERGONHA
Europa, séculos XVI – XVII
Museu da Farmácia

FEITICEIRO
Moçambique, 1880
Museu da Farmácia

©LUÍS SILVA CAMPOS

Conheça a História por detrás destas e de outras máscaras:
www.ummundodemascaras.com

A partir de 8 de Julho, no Museu da Farmácia, Lisboa

Santa Sé condecora antigo bastonário

7 DE JANEIRO, PORTO

Francisco Carvalho Guerra, o primeiro bastonário da Ordem dos Farmacêuticos, foi condecorado pelo Papa Francisco, a pedido do bispo do Porto. Recebeu a mais alta insígnia atribuída pela Santa Sé, a comenda da Ordem Equestre de São Gregório Magno, em reconhecimento dos serviços à Igreja, feitos notáveis, apoio à Santa Sé e exemplo dado à sociedade. Para o bispo do Porto, D. Manuel Lima, o catedrático de Bioquímica na Faculdade de Farmácia é «o verdadeiro pai da Universidade Católica» no Porto.

Porto promove sinergias locais na Saúde

23 DE JANEIRO, PORTO

As III Jornadas Municipais de Saúde, organizadas pela Câmara do Porto, reuniram profissionais da saúde e da área social, que partilharam boas práticas sobre serviços desconcentrados. A Câmara defende o «envolvimento de todos no desenvolvimento de acções inovadoras e sinérgicas, para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas». O presidente da ANF, Paulo Cleto Duarte, e o director-geral do Instituto de Formação e Inovação em Saúde (Infosaúde) da ANF, Humberto Martins, participaram no debate.

Abem premiado como "ideia que muda o mundo"

10 DE FEVEREIRO, PAÇO DE ARCOS

O Programa Abem, da Associação Dignitude, recebeu o 2.º prémio entre 34 candidaturas ao projecto "Ideias que Mudam o Mundo", da Bayer Portugal, no valor de 20 mil euros. Em representação do Abem, Maria João Toscano lembrou que este programa vai no 4.º ano e apoia já mais de 12 mil pessoas «no acesso aos medicamentos que lhes são prescritos».

Copiadores

Livro de Registos da Farmácia Portuguesa,
compilados por Nuno Esteves

LEF debate segurança dos medicamentos

20 DE FEVEREIRO, BARCARENA

A qualidade e a segurança dos medicamentos dispensados nas farmácias estiveram em destaque na 3.ª Conferência LEF, que teve lotação esgotada. Com capacidade tecnológica e uma equipa especializada, o LEF, que integra o Grupo ANF, avalia o potencial risco da presença de nitrosaminas em medicamentos de uso humano – requisito legal introduzido em Setembro pela Agência Europeia do Medicamento – e realiza provas confirmatórias dos níveis máximos de nitrosaminas que são admitidos.

Tertúlia literária no Museu da Farmácia Porto

21 DE FEVEREIRO, PORTO

A administradora da Livraria Lello, Aurora Pedro Pinto, o escritor Carlos Tê e o músico Pedro Abrunhosa participaram na tertúlia "Percursos Literários na Cidade do Porto", organizada pela Área Cultural da Associação Nacional das Farmácias (ANF), em parceria com o Museu da Farmácia Porto. A conversa à volta dos livros e da literatura teve como pano de fundo a história e a geografia urbana do Porto, fontes de inspiração e motor de criatividade artística dos escritores da cidade.

Carreira farmacêutica no SNS regulamentada

24 DE FEVEREIRO

Foi hoje publicado o decreto-lei que cria, a partir de 1 de Março, o internato dos farmacêuticos nos hospitais públicos, privados ou do sector social, para atribuição das especialidades em Farmácia Hospitalar, Análises Clínicas e Genética Humana, bem como o acesso à carreira farmacêutica no Serviço Nacional de Saúde (SNS). A Ordem dos Farmacêuticos saudou o diploma, que considera «estruturante para a profissão», por definir o percurso formativo pós-graduado dos farmacêuticos no seu processo de especialização.

Jovens farmacêuticos tomam posse na Ordem

25 DE FEVEREIRO, LISBOA

Os órgãos sociais recém-eleitos da Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos (APJF) tomaram posse, na sede da Ordem dos Farmacêuticos, em Lisboa. O novo presidente, Manuel Talhinhas, destacou o mote da equipa, "Juntos pelos Jovens Farmacêuticos, em prol da Sociedade", como «polo agregador das diferentes gerações de jovens farmacêuticos». Como prioridade do mandato, destaca «dar voz às preocupações e motivações de uma geração».

Exposição sobre Odette Ferreira

4 DE MARÇO, COIMBRA

A exposição "Odette Ferreira – Construir futuros" foi inaugurada no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, no âmbito da 22.ª edição da semana cultural daquela universidade. A sessão contou com uma apresentação pelo professor João Rui Pita e as boas-vindas do reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão. Pode visitar a exposição todos os dias, das 9 às 17 horas, até 30 de Maio. A entrada é livre.

Linha de Apoio ao Farmacêutico arranca com 150 chamadas

16 DE MARÇO

A Linha de Apoio ao Farmacêutico (LAF) entrou em funcionamento entrou em funcionamento às 09:00 horas. No final do primeiro dia, recebeu 150 chamadas. Os colaboradores da LAF receberam formação para prestar esclarecimentos técnico-científicos sobre as questões mais frequentes dos farmacêuticos sobre o novo coronavírus.

Farmácias escrevem ao primeiro-ministro

24 DE MARÇO

A Associação Nacional das Farmácias (ANF) pediu a intervenção do Governo para repor o acesso urgente a máscaras, desinfectantes e paracetamol a preços normais de mercado. A ANF apresentou à ASAE centenas de documentos que indiciam que as farmácias estão a ser alvo de preços especulativos por parte de empresas de ocasião.

ANF recomenda auto-regulação de preços às suas associadas

24 DE MARÇO

A ANF recomendou às 2.750 farmácias suas associadas que pratiquem margens de comercialização até ao limite de 17,5%, que se aplica aos medicamentos sujeitos a receita médica comparticipados. «Sendo a margem legal das farmácias portuguesas a mais baixa da Europa, será inequívoco o contributo responsável e transparente da nossa rede no combate à pandemia», refere uma circular da ANF enviada esta manhã às farmácias.

OMS adopta ferramenta da Glintt contra a COVID-19

8 DE ABRIL

A ferramenta gráfica ADAPTT - Surge Planning Support Tool *foi hoje apresentada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como instrumento global que permite planear as necessidades de resposta à COVID-19, em matéria de camas e de recursos humanos. Desenvolvida pela empresa tecnológica Glintt, do grupo ANF, e pela Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH), e disponível em quatro línguas (inglês, russo, espanhol e português), a* ADAPTT *destina-se a ser usada por especialistas em planeamento de cuidados de saúde e por decisores políticos.*

Todas as farmácias reabertas

11 DE MAIO

Reabriu hoje, no Porto, a última das 13 farmácias que foram forçadas a períodos de encerramento devido a casos de infecção nas próprias equipas. «Quero agradecer aos portugueses o civismo com que se têm comportado no espaço farmácia, o que nos permitiu ser uma das redes da Europa menos afectadas por esta pandemia», declarou Nuno Flora, secretário-geral da Associação Nacional das Farmácias (ANF).

Farmácias e L'Oréal lançam loja www.belezaesaude.pt

21 DE MAIO

O novo site Beleza e Saúde oferece o acesso rápido e seguro a produtos de cosmética e bem-estar. O portal arrancou com a participação de 200 farmácias, sendo o consumidor quem escolhe aquela onde pretende adquirir os produtos. As entregas são feitas ao domicílio, em menos de 72 horas, e sem custos para compras acima de 75 euros. Neste site são disponibilizados produtos seleccionados das marcas Vichy, La Roche-Posay e CeraVe, nas categorias de rosto, corpo, higiene, protectores solares e champôs.

Bastonário dos médicos apela ao poder político para apoiar farmácias

19 DE JUNHO, LISBOA

Miguel Guimarães apelou ao Estado para «olhar de forma diferente» para as farmácias, com vista a evitar que muitas fechem, o que seria «dramático» e aumentaria as «desigualdades sociais que temos na Saúde». «As farmácias têm um papel extraordinariamente importante no SNS. É um desafio que deixo para quem tem responsabilidades políticas, nomeadamente na Assembleia da República e no Governo, que deve pensar a questão das farmácias de forma diferente», disse hoje. O bastonário da Ordem dos Médicos entende que é preciso «dar mais apoio às farmácias», as quais «praticamente não têm apoio nenhum do Estado».

CR7 doa camisola autografada para leilão solidário

22 DE JUNHO

O futebolista português Cristiano Ronaldo autografou uma camisola da sua equipa, a Juventus, que será leiloada online até 6 de Julho, com o valor angariado a reverter para o Fundo Emergência Abem: COVID-19, que se destina a dar acesso a medicamentos, produtos e serviços de saúde aos cidadãos que ficaram economicamente mais vulneráveis em consequência da actual pandemia. O Programa Abem, da Associação Dignitude, conta já com 15 mil beneficiários.

Acompanhe estes e outros acontecimentos da Farmácia Portuguesa em: www.revistasauda.pt

O DELEGADO VINTAGE

Aires Raposo representou a ANF nos Açores durante 21 anos.

TEXTO: *PAULO MARTINS*

Aires Raposo não vira as costas: «Ainda estou no activo, apesar de sexagenário»

©RUI SOARES

Disponibilidade é a palavra-chave. Tão espontaneamente emerge na conversa com quatro pessoas sobre Aires Raposo que não pode ser coincidência. «Se precisamos dele, está lá», afiança João Pedro Freitas, que de colega passou a amigo no terreno comum da preocupação com os problemas dos farmacêuticos. «É solidário. Nunca se nega a qualquer colaboração que seja necessária, mesmo de colegas de outras ilhas», diz a actual presidente da Delegação Regional dos Açores da Ordem dos Farmacêuticos, Margarida Martins. Duarte Santos, membro da Direcção da ANF e director da Farmácia Portuguesa, sabe a que porta bater, quando precisa de apoio: à do «delegado histórico» da ANF, como lhe chama, que àquele traço de personalidade associa «atenção, simpatia e profissionalismo».

O próprio Aires Raposo deixa a promessa, na carta de despedida enviada em Abril passado à Direcção da ANF, após 21 anos de representação da entidade no arquipélago: «Permanecerei incondicionalmente disponível». É assim, porque sempre foi assim, como confidencia à Farmácia Portuguesa. Assumiu «uma missão que não era eterna». Cumpriu-a com tamanha perseverança e inabalável cuidado que se tornou o delegado "vintage" da associação nos Açores.

Faltou-lhe «coragem» para renovar a equipa, mas é com orgulho que vê avançarem novos protagonistas. Acredita que a profissão só tem a ganhar com jovens como os que, nos conselhos nacionais em Lisboa, faziam apresentações por computador, uma «animação espectacular», que o de-

«Permanecerei incondicionalmente disponível»

Com Odette Ferreira, em 1996, em Vila Franca do Campo

©DR

Aula sobre Imunohematologia a alunos do 12.º ano, em 2002

©DR

leitava. Aí começou a perceber que chegara a hora de passar o testemunho. Que não de virar costas: «Ainda estou no activo, apesar de sexagenário», avisa. «Tudo o que fiz foi por disponibilidade própria. Faz parte da minha forma de estar e de ser na vida», afirma. A vocação para a actividade associativa visa apenas «ajudar e manter-me ocupado».

Fosse a disponibilidade a sua única virtude e já seria um excelente cartão de visita. Nascido em 1956 em Ponta Delgada, José Aires Vasconcelos Raposo licenciou-se pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa em 1982 – obteve, mais tarde, uma pós-graduação em Gestão de Farmácia pela Lusófona. Entre 1983 e 2011, foi responsável pelo laboratório do então Hospital Concelhio da Ribeira Grande. Com farmácia na freguesia das Capelas, em Ponta Delgada, desde 1984, é director-técnico do Laboratório de Análises Clínicas Dr. Aires Raposo & Dra. Teresinha Raposo, cuja propriedade partilha com a esposa e onde hoje passa mais tempo, enquanto o filho se encarrega da farmácia.

Dedicado ao universo farmacêutico – ser mandatário da candidatura de Vítor Fraga à Câmara local, em 2017, não foi incursão na política, mas tão-só um gesto de amizade para com um «companheiro de luta profissional», que embora engenheiro esteve ligado à distribuição de medicamentos – presidiu à Delegação Regional dos Açores da Ordem de 1993 a 1996, três anos antes de se tornar delegado da ANF. O terceirense João Pedro Freitas, rosto da Ordem no mandato precedente e de novo entre 1996 e 2016, conheceu-o nestas andanças. O facto de terem sido na mesma ocasião, em 2018, distinguidos pela Ordem com a Medalha de Honra demonstra o prestígio de que usufruem. Margarida Martins nota que ambos alinham quase todos os anos, «independentemente das responsabilidades associativas», na procissão do Senhor Santo Cristo, dando a cara pelos farmacêuticos. Aires Raposo confirma: «Durante anos, íamos só nós». Três horas e meia a percorrer as ruas de Ponta Delgada, numa das mais marcantes expressões da

> «TUDO O QUE FIZ FOI POR DISPONIBILIDADE PRÓPRIA. FAZ PARTE DA MINHA FORMA DE ESTAR E DE SER NA VIDA»

2012: na procissão do Senhor Santo Cristo, com João Pedro Freitas

cultura insular, que ultrapassa largamente a dimensão religiosa.

Percebe-se que construíram uma cumplicidade maior do que a distância entre São Miguel e a Terceira. Diz Freitas do parceiro, evocando os tempos em que vestiam as camisolas da Ordem e da ANF, respectivamente: «Tornámo-nos amigos, porque tínhamos de discutir estratégias e eu tenho nele a máxima confiança». As diferentes vocações das entidades converteram-se em mais-valia, que a ligação de Aires à farmácia comunitária consolidou. «Extremamente organizado e muito ético na relação com os colegas, era como se fosse o meu representante em São Miguel», afirma o dono de um laboratório de análises clínicas na Praia da Vitória, reconhecendo que o amigo «tinha uma capacidade de encaixe que eu fui obrigado a ter» na relação com o mundo da política.

Talvez capacidade de encaixe se traduza por «procura da convergência de opiniões», marca que Aires Raposo, na óptica de Duarte Santos, deixou na estrutura associativa da ANF. Habituou-se a admirar o colega, que transmitia à Direcção os problemas da região «de forma sempre construtiva», pela sua «postura irrepreensível, entrega invulgar e cultura invejável». Para organizar nos Açores um evento do Grupo Farmacêutico da União Europeia, cuja presidência acaba de assumir, não podia deixar de contar com ele e com Margarida Martins. A pandemia adiou a iniciativa para 2021,

«ELE FAZ COM QUE O ESPÍRITO ASSOCIATIVO E A ENTREGA À MISSÃO DA FARMÁCIA PAREÇAM FÁCEIS. É UMA PESSOA INSPIRADORA»

mas manteve-se intacto o interesse na colaboração de ambos. E, claro, o objectivo central: demonstrar a bastonários e dirigentes de associações farmacêuticas dos países-membros da organização, que nela vão participar, a qualidade do trabalho das farmácias da região, que não ficam a dever nada às de países mais desenvolvidos, porque «a insularidade não é uma dificuldade; é uma oportunidade». Aires Raposo, salienta Duarte Santos, simboliza essa atitude. «Tem feito imenso pelos Açores e pelas farmácias açorianas».

«Farmacêutico de referência a nível regional e nacional, não só pelos cargos que exerceu, mas também pelo exemplo do que construiu» – eis como Margarida Martins caracteriza Aires Raposo, destacando o seu «rigor e profissionalismo» e a «palavra amiga» que dele sempre ouviu, sendo de uma geração mais jovem.

Mariana Mouro, actual responsável na Direcção da ANF pela estrutura associativa, conheceu-o há cerca de um ano, quando foi eleita. «Disse-lhe que vou continuar a contar com ele», revela, chamando a atenção para o «extraordinário trabalho» realizado, sobretudo na relação com as entidades públicas. Bom exemplo da sua influência – «percebe-se a afinidade que tem com as pessoas» – é o facto de o fluxograma de intervenção farmacêutica sobre os cuidados a observar na fase de contenção da Covid-19, produzido pelo CEDIME, ter sido adoptado pela Direcção Regional de Saúde dos Açores como recomendação, logo a 3 de Março. «Ele faz com que o espírito associativo e a entrega à missão da farmácia pareçam fáceis. É uma pessoa inspiradora», considera Mariana Mouro.

O presidente da ANF salienta a «serenidade» de Aires Raposo. «O mar que nos separa, para ele sempre foi um factor de união. Consegue sempre ver as coisas com profundidade, indiferente à espuma dos dias», conclui Paulo Cleto Duarte.

ALZIRA LEMOS (1922 – 2020)

A FARMACÊUTICA LIVRE

TEXTO: *CARLOS ENES*

:Para lá do Marão, mandam os que lá estão. Na aldeia de Vale Salgueiro, ditados e rituais exercem-se como direitos, não se discutem. Alzira Lemos nasceu na Terra de Reis e foi soberana toda a vida. Como uma rainha, passeou 97 anos um coração magnânimo, coisa de família.

– *Todos os garotos conheciam a avó Rosinha porque matava a fome a quem fosse preciso.*

Olho vivo, media bem o impacto das suas verdades nos outros.

– *Quando a minha mãe morreu gritavam: "Vai-se a mãe dos pobres".*

Corpo miudinho e enxuto de carqueja, rijo como um castanheiro, dispensava falinhas mansas e não temia tempestades.

– *A minha vida, contada, faz tremer uma calçada.*

Em Vale Salgueiro, na Festa de Reis, um homem do povo é coroado na igreja e abençoado pelo padre. Vai de casa em casa, de ceptro na mão, acender a alegria e religar a união. Nesse dia, sem exemplo, por mais ralhetes no Facebook e reportagens moralistas na televisão, as crianças experimentam fumar. No resto do ano, provam a felicidade abundante

– *Eu gostava de dar saltos nos degraus para o quintal.*

das numerosas experiências que a vida no campo tem para dar:

– *Deitavam palha para fazer estrume, eu dava saltos.*

O amor da matriarca da família era capaz de montar um Natal todos os dias:

«A MINHA VIDA, CONTADA, FAZ TREMER UMA CALÇADA»

– *Fazia doces e castanhas assadas, todos sentados à lareira. Para nós era tudo, não sabia o que havia de fazer aos netos.*

A família Lemos era abastada em azeite, vinho, trigo e centeio.

– *O meu pai era o chefe. E tinha o lavrador que andava com os bois.*

A primeira tempestade foi a morte inesperada de Manuel Maria, tinha ela dois anos, e a irmã, Amparo, três meses:

– *O pai foi um erro muito grande dos médicos. Queriam mandá-lo para o Gerês, fazer uma cura ao fígado, mas foi um tumor cerebral que o vitimou.*

A mãe, Maria Cândida Borges, ficou com duas crianças nos braços.

– *A minha mãe era uma pessoa com visão. Sabia que o pai queria educar as filhas e ela fez tudo por isso.*

Alzira aprendeu com aquelas espantosas locomotivas de 1500 cavalos, montadas nas oficinas de Mirandela, a fazer caminho em frente,

– *Gostei sempre de estudar. Era boa aluna, melhor a Ciências. Matemática era o meu forte. Ainda hoje gosto mais do que as físico-químicas.*

sem desvios, sobre os carris de ferro da vontade sagrada do pai, da determinação firme da mãe e dos valores antigos da família:

– *Eu aceito, quando preciso das coisas não discuto.*

E assim, aos 12 anos, depois da escola primária em Mirandela, foi com a irmã para um colégio interno no Porto.

– *Não gostava de nada, nem da comida. As freiras eram muito chatas.*

O seu espírito adolescente sonhou pela primeira vez uma vida independente:

– *Eu fui sempre uma pessoa muito aberta e não gostava de estar ali fechada.*

O melhor eram as férias de Verão em casa de uma tia, cabelos ao vento na Praia de Leça, quando apareceram os primeiros surfistas.

– *Molhava os pés, gostava de andar para trás e para a frente à beira-mar.*

Do Colégio Nossa Senhora de Lourdes passou para o Carolina Michaelis, onde concluiu o antigo sétimo ano. A maioria das raparigas eram mais velhas e levavam-na com elas quando iam ter com os namorados.

– *Eu não gostava nada daquela brincadeira.*

Foi a Dona Berta, da freguesia vizinha de Vale de Telhas, à época proprietária da Farmácia da Ponte, em frente ao rio, a abrir-lhe a porta da vocação profissional.

«COMO SE NAMORAVA NA ALTURA? NAMORAVA-SE COMO SEMPRE SE NAMOROU TODA A VIDA, OLHA QUE PERGUNTA!»

– *Quando me apanhava, ela dizia assim: "Olha, tu vais para Farmácia, que depois eu vendo-te a minha".*

A ideia sabia a mel no espírito de uma rapariga nascida para ser rainha de si própria, sem patrões, Estado ou sindicato.

– *Eu queria uma profissão livre.*

Fica explicado o título e provado o epitáfio, na voz da própria, em entrevista realizada na Páscoa do ano passado, estava ela com 96 anos afiados de sabedoria.

– *No que eu era melhor era a Matemática, mas não queria ser professora.*

Ricardina, Alzira e Celeste, três farmacêuticas que eram como irmãs

Alzira e o marido, Francisco, e os filhos, Manuel e Paula, no baptizado desta

Depois dos 90, continuava a ir à farmácia. Não admitia ser directora-técnica só na placa da rua

Alzira Lemos integrou a geração mítica das primeiras mulheres licenciadas em Farmácia.

– As professoras do liceu andam ali, não são uma profissão livre. O médico é uma profissão livre, o farmacêutico é uma profissão livre.

Ingressou na Faculdade de Farmácia do Porto em 1940, com 18 anos. Conheceu a Celeste e a Ricardina, duas amigas para a vida. Foram irmãs inseparáveis. Guardava-as debaixo da sua asa protectora, sem nunca deixar de as espicaçar, directa ao assunto:

– Ó mulher, fala! Passam-te todos à frente e tu és a melhor.

Acabou o curso em 1945, o ano de todo o século XX com melhores notícias para uma mulher livre. Só depois, na estação certa, à tabela, aceitou o pedido de casamento.

– Como se namorava na altura? Namorava-se como sempre se namorou toda a vida, olha que pergunta!

Por indicação de um professor de faculdade, mal terminou o curso teve emprego numa farmácia da Batalha.

– Gostei muito de estar na Batalha, mas eu queria uma farmácia só minha.

Regressou às raízes, porque a oportunidade de negócio apareceu em Mirandela.

– Foi muito dinheiro, uma pipa de massa. Eu não era uma pessoa para me assustar. Fui ao banco. Levantei o dinheiro, sabia que o podia pagar.

Tomou conta da Farmácia Bragança e montou um laboratório de análises clínicas.

– Trabalhei muito.

Ficava na farmácia de segunda a sábado, só com um empregado, a quem deixava os serviços nocturnos. Ela sempre foi mais de romper o dia.

– Gostava mais da farmácia antiga, os nossos conhecimentos punham-se mais em prática. Fazia pomadas, xaropes.

Teve um filho e uma filha, foi feliz no matrimónio, mas enviuvou cedo. Continuou em frente, como as modernas locomotivas a diesel. Deixou dezenas de cartas de protesto contra a situação económica das farmácias no arquivo do Grémio Nacional das Farmácias:

«SOU UMA LUTADORA, NÃO RECEBO AS COISAS DE MÃO DADA. IA AGORA FICAR EM CASA?»

– Há, na realidade, imperiosa razão de se olhar a situação da Farmácia de Oficina, pois a continuar assim, dentro de pouco tempo, as farmácias estão nas mãos de ajudantes.

Reclamava muito, mas retirava sempre daí as devidas consequências.

– Aproveito para comunicar a V.Exa. que me sinto com a melhor boa vontade de colaborar na defesa da classe.

Primeiro prestou serviços ao Grémio, depois envolveu-se na ANF desde o primeiro dia.

– Gostei muito daquela ideia. Então, não havia de defender o meu campo?

Viveu e morreu directora-técnica. Há uns anos, entregou o balcão de atendimento e o livro de receitas ao neto Francisco, farmacêutico comunitário como ela foi sempre.

– Eu tenho fórmulas muito boas.

Consequente, não dava só o nome à placa da rua. Ia à farmácia todas as tardes, vigiava as contas.

– Sou uma lutadora, não recebo as coisas de mão dada. Ia agora ficar em casa?

Alzira Lemos era a líder histórica das farmácias de Trás-os-Montes e uma cidadã do mundo. Conheceu tudo o que há para ver neste planeta, nos congressos da Federação Internacional Farmacêutica: Holanda, Brasil, China, Canadá, Austrália...

– Olha, Francisco, trabalhei muito, mas também passeei.

Como era mandatório ter sido exercido, por uma farmacêutica livre.

TAVIRA

300 DIAS DE AZUL

REPORTAGEM: *SANDRA COSTA*
FOTOGRAFIA: *PEDRO LOUREIRO*

O dia amanhece luminoso. É assim 300 dias por ano. Bandos de pássaros esvoaçam alegremente no céu azul, sobrevoando o casario branco onde despontam os topos de algumas das 21 igrejas de Tavira. Chegaram a ser mais, o que estará associado ao facto de Tavira ter sido a porta de saída para o Norte de África. E ao medo de ver os homens partir para o mar. Buganvílias cobrem os muros das casas, laranjeiras cuidadosamente podadas debruam as ruas, o rio Gilão corre sereno no seu caminho para o mar.

Quando o sol sobe, as esplanadas enchem-se de estrangeiros de T-shirt. As temperaturas desafiam a estação do ano. Junto à ponte romana, passeiam casais com crianças. Meia dúzia de pessoas relaxam nas escadas do anfiteatro ao ar livre, onde em Agosto se aglomeram centenas de turistas. A vida corre devagar, sem pressa. É assim o Algarve, no Inverno. O clima, as paisagens e o sossego dão à região uma «atmosfera única e pura» a que Bráulio Bota chama a «magia do sotavento algarvio». O farmacêutico algarvio gere há 33 anos uma farmácia na zona serrana, em Santa Catarina da Fonte do Bispo, a terra com o nome mais comprido de todo o Portugal.

Ruas estreitas trepam pela colina de Santa Maria até

LARANJEIRAS PODADAS DEBRUAM AS RUAS. O RIO CORRE PARA O MAR

ao Largo Abu-Otmane, por onde se acede aos jardins do castelo de Tavira. Em frente, a Igreja de Santa Maria do Castelo acolhe a sepultura de Paio Peres Correia, que em 1242 conquistou Tavira aos mouros. Tavira sempre foi uma cidade importante no Algarve. Foi casa de fenícios, romanos, árabes e cristãos. Na denominação moura era Tabira, "a abrigada, a escondida". Todos os reis de Portugal visitaram a cidade.

A Igreja de Santa Maria do Castelo acolhe a sepultura de Paio Peres Correia, que em 1242 conquistou Tavira aos mouros

Tavira foi também a cidade escolhida por Portugal para representar a dieta mediterrânea na Unesco, inscrita na lista do património cultural e imaterial da Humanidade. Desde 2013 e até ao final do ano, é possível visitar, no museu municipal, a exposição sobre os cultivos e formas de produção próprios do mediterrâneo, transmitidos de geração em geração desde o tempo dos romanos. Na zona antiga, vale a pena visitar a Igreja da Misericórdia, «a mais renascentista do Algarve», garante Maria de Fátima Liberato. É conhecida pelos azulejos representativos das 14 obras da Misericórdia, que a recepcionista enumera sem hesitar. Sem missas regulares, a igreja é procurada sobretudo para matrimónios e concertos. O momento alto é a procissão de Sexta-feira Santa, que atrai milhares de pessoas.

Na ponte romana o rio muda de nome. Até lá chama-se Séqua, depois da ponte e até ao mar toma o nome de Gilão. Conta a lenda que havia uma princesa, Séqua, que se enamorou de um rapaz do povo, Gilão. Como os reis se opuseram ao namoro, os jovens optaram pelo suicídio. Ela jogou-se a nascente da ponte e ele a jusante, dando origem aos dois nomes.

Ao longo de 60 quilómetros, até à praia da Manta Rota, estende-se a Ria Formosa, o enorme sapal que é casa de corvos marinhos, ostraceiros, maçaricos, garças comuns e reais, colhereiros, águias reais e até flamingos, nalgumas épocas do ano. A vista sobre a ria é de cortar a respiração a partir da pequena aldeia muralhada de Cacela Velha. O tempo parece ter parado no largo da igreja, deserto, circundado por pequenas casas térreas debruadas a amarelo e azul. Memoráveis são também as ostras que, no Verão, convocam diariamente dezenas de turistas em fila, à porta do restaurante Casa da Igreja.

A ria é fonte de riqueza, com os seus viveiros de ostras e ameijoas. Nas margens, montes brancos de sal assinalam uma actividade que foi determinante na região.

Na ponte romana o rio muda de nome. Até lá chama-se Séqua, depois da ponte e até ao mar toma o nome de Gilão

A vista sobre a ria Formosa é de cortar a respiração a partir da pequena aldeia muralhada de Cacela Velha

A VIDA VAI SEM PRESSA. É ASSIM O ALGARVE NO INVERNO

Nas margens da ria, montes brancos de sal assinalam uma actividade que foi determinante na região

O farmacêutico Bráulio Bota aprecia o clima, as paisagens e o sossego que dão à região uma «atmosfera única e pura»

O pequeno comboio preto e vermelho que pertence ao aldeamento turístico Pedras d'El Rei faz a ligação à praia do Barril

O SAPAL É CASA DE CORVOS MARINHOS, GARÇAS COMUNS E REAIS, ÁGUIAS E FLAMINGOS

Alguns barcos carregados de peixe, sobrevoados por gaivotas agitadas pelo cheiro, cruzam as águas rumo à lota de Santa Luzia, vila piscatória conhecida como "capital do polvo". Mas em Tavira os barcos de pesca contam-se pelos dedos de uma mão. Há sobretudo barcos dedicados ao turismo, como as oito embarcações de António Passeiro que na crise de 2008 mudou de ramo, depois de uma vida dedicada à construção civil. No Verão chega a empregar 15 pessoas. A maioria dos *skippers* são pescadores que entre Março e Novembro largam a pesca pelo turismo.

É também pela ria que se faz o acesso, por barco, às praias do Homem Nu, da Terra Estreita e da Ilha, que se estendem ao longo dos 11 quilómetros da ilha de Tavira. A excepção é a praia do Barril, onde se chega a pé ou apanhando o pequeno comboio preto e vermelho que pertence ao aldeamento turístico Pedras d´El Rei.

O Barril é um museu vivo que conta a história da pesca do atum que ali se fez ao longo de mais de um século, entre 1861 e 1966. Lá permanecem, cravadas na areia, as 300 âncoras que sustinham no fundo do mar a gigantesca armadilha de redes colocada, entre Março e Setembro, para aprisionar os atuns na sua travessia do Mar do Norte ao Mediterrâneo, para desovar. «Em seis meses chegavam a ser capturados 40 mil atuns, alguns com mais de 300 quilos», conta Brígida Baptista. A arqueóloga náutica e subaquática cresceu com as histórias da armação da praia do Barril. O avô era mestre do vapor Três Irmãos, a mãe viveu no Barril até aos 14 anos.

Nas casas em banda abrigavam-se homens, mulheres e crianças, uma comunidade de cem pessoas, oriunda de Santa Luzia, que ali vivia mais de metade do ano. Os homens chegavam em Março para preparar o material. Cobriam de alcatrão as bóias, cabos e âncoras, para preservação da água salgada, e instalavam a armadilha no fundo do mar, durante dez dias, trabalhando de sol a sol. Em Abril, as famílias chegavam em barcos a remos, com o material necessário para ficarem até Setembro. Organizavam-se nas casas, às vezes uma por família, noutras dividindo-as por um apartado de canas ou um lençol. Tinham cinco poços com água potável e salobra, horta e tanques para lavar a roupa. Saneamento não existia. Para irem à escola ou à igreja, só de barco a remos até Santa Luzia.

Na praia do Barril, as casas em banda acolhiam durante meio ano uma comunidade de cem pessoas que se dedicava à pesca do atum

O arraial Ferreira Neto foi criado na década de 40 na zona das "quatro águas"

RUMAM À LOTA BARCOS CHEIOS DE PEIXE E DE GAIVOTAS

«A minha mãe contava que, para irem à missa, tiravam as meias e os sapatinhos para fazerem parte do percurso pela areia».

O restaurante Museu do Atum, na antiga casa dos patrões, une a gastronomia à história, servindo uma panóplia de pratos de atum: braseado à bulhão pato, *tatakis*, muxama, estupeta e *carpaccio*.

Da ria, avista-se outro arraial, Ferreira Neto, criado na década de 40 na zona das "quatro águas", o ponto de confluência entre o rio Gilão, o mar e os cursos da Ria Formosa que vêm de Santa Luzia e Cabanas de Tavira. Funcionava todo o ano como uma verdadeira aldeia de pescadores, equipada com escola, igreja, posto médico, mercearia e casas de banho. Em 1972 apenas foi capturado um atum e o arraial foi encerrado. Hoje é um hotel, que respeita a traça exterior.

Os atuns capturados seguiam por barco até Vila Real de Santo António, com destino à indústria conserveira. Propriedade de portugueses, mas também de espanhóis, italianos ou gregos, as fábricas alinhavam-se ao longo da Avenida da República, defronte do rio Guadiana. Foi, até meados do século XX, uma indústria florescente e a principal fonte de subsistência da população, que vivia em condições duríssimas. «Quando soava o apito anunciando a chegada dos barcos (cada fábrica tinha um apito distinto), as mulheres levantavam-se e vinham trabalhar, fosse dia ou noite», conta Madalena Guerreiro, arquivista no Arquivo Histórico António Rosa Mendes. Muitas vezes, levavam consigo os bebés, deitavam-nos nos bancos de madeira que, virados ao contrário, eram pequenas caixas, e amamentavam-nos quando era preciso.

Hoje, na avenida já não se ouvem apitos, nem se sente o cheiro a peixe cozido. A cidade vive do comércio e do turismo, Ayamonte já ali ao lado. O vaivém regular de *ferries* entre as margens do Guadiana mantém a ligação

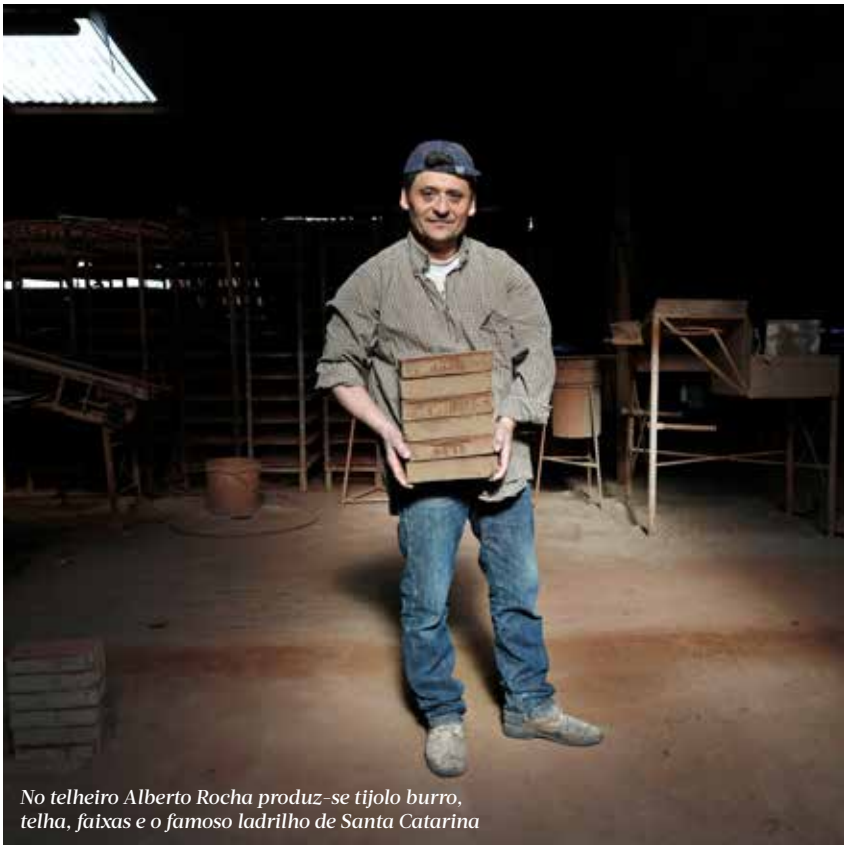
entre as duas comunidades raianas. Construída há quase 30 anos, a ponte veio criar uma alternativa. Longe vão os tempos em que barcos pequenos cruzavam o rio, à socapa, durante a noite, para contrabandear café, chocolate, tecidos e tabaco. Poucos recordam histórias como a das "apalpadeiras", mulheres que na fronteira apalpavam a cintura das senhoras, para confirmar se «era tudo volume ou traziam enrolados à cintura tecidos comprados em Espanha», conta divertida Madalena Guerreiro.

A poucos quilómetros do litoral encontra-se o barrocal, zona de transição para a serra, onde abundam os pomares. É um Algarve diferente, menos desenvolvido, onde o modo de vida e até a alimentação diferem. «Na serra e no barrocal encontramos um ambiente antigo, mais original, são quase mundos diferentes», explica o farmacêutico. Em Santa Catarina da Fonte do Bispo, onde a farmácia de Bráulio Brota serve uma comunidade de 400 pessoas, vai ser criado o primeiro centro de arte digital do país e da Europa. O Museu Zero deverá abrir em 2021, atraindo turistas e artistas que ali vão permanecer em residências destinadas a criar exposições de imagem, som e luz. Bráulio Bota está entusiasmado com o projecto promovido pelo Instituto Lusíada de Cultura, que vai implicar a remodelação da antiga cooperativa agrícola.

Perto fica também o Lagar de Santa Catarina, um dos cinco que subsistem no Algarve. Produz um azeite «à antiga», fino e bastante frutado, feito exclusivamente com azeitona maçanilha algarvia. É muito apreciado pelos estrangeiros, incluindo italianos, «motivo de orgulho» para Renato Rocha, o proprietário. O lagar, modernizado, funciona desde 1913. Este ano, a produção contou com pouco mais de mil toneladas de azeitona. A campanha só não foi melhor devido à seca que preocupa todos os que moram no sotavento algarvio.

COM 300 ÂNCORAS, O BARRIL É O MUSEU DO ATUM

Vista sobre Santa Catarina da Fonte do Bispo, onde vivem 400 pessoas



No telheiro Alberto Rocha produz-se tijolo burro, telha, faixas e o famoso ladrilho de Santa Catarina

Em Santa Catarina da Fonte do Bispo, a produção de cerâmica floresceu graças ao filão de argila que atravessa o barrocal

Em Santa Catarina da Fonte do Bispo, a produção de cerâmica floresceu graças ao filão de argila que atravessa o barrocal. Os mais de 20 telheiros e os lagares de azeite davam trabalho a quase todos os que ali moravam. O telheiro Alberto Rocha é o maior da meia dúzia que continua a laborar. Produz tijolo burro, telha, faixas e o famoso ladrilho de Santa Catarina, muito procurados por arquitectos portugueses, franceses e italianos. Conferem conforto e robustez e combinam com qualquer tipo de arquitectura. «Uma casa revestida com ladrilho de Santa Catarina emana paz e tranquilidade, o equilíbrio próprio dos materiais naturais», explica a engenheira civil Elisabete Rocha, coordenadora do telheiro.

Na eira de terra batida avermelhada repousam centenas de tijolos alinhados. Ali ficam a perder humidade antes de serem colocados manualmente nos grandes

fornos verticais. A luz amarelada, filtrada pelas placas de fibra de vidro e plástico, ilumina as partículas de pó e torna o ambiente quente e confortável. Ildefonso Viegas manuseia a argila molhada com destreza, colocando-a nos moldes. Trabalha nos telheiros desde os 12 anos, durante oito foi padeiro. Acha as duas ocupações parecidas. A verdade é que parece que está a brincar, fazendo bolos de areia.

: *BULA*

:1 RESTAURANTE CASA DA IGREJA
Rua de Cacela Velha, 2
T. 289 952 126

:2 RESTAURANTE MUSEU DO ATUM
Praia do Barril, Santa Luzia
T. 964 530 135

:3 TABERNA BARRIGA
Rua Dr. Felipe Almeida Carrapato, 7
Santa Catarina da Fonte do Bispo
T. 963 310 393

:4 HOTEL RURAL QUINTA DO MARCO
Sítio do Marco, 632 A
Santa Catarina da Fonte do Bispo
T. 281 971 500

:5 MONTE MARIPOSA
Santa Catarina da Fonte do Bispo -
Caixa Postal 787 A
T. 965 419 633

:6 RESTAURANTE NIKITA
Rua Dr. Parreira 113, Tavira
T. 926 897 859

23 MINUTOS DE ESPERANÇA

© PEDRO LOUREIRO

PAULO CLETO DUARTE

O Plenário da Assembleia da República dedicou, no dia 27 de Maio, 23 minutos às farmácias portuguesas, tempo durante o qual foi discutida uma petição com 120.000 assinaturas, promovida pela Associação Nacional das Farmácias, sobre o presente e o futuro do sector.

Foi a primeira vez na História que teve lugar no Parlamento um debate sobre a rede de farmácias.

Os Partidos disseram ao país o que pretendem do sector.

As intervenções reconheceram unanimemente a importância da rede e as suas dificuldades actuais.

Motivação política à parte, o Parlamento sublinhou a necessidade de prestar mais atenção à situação do sector e recomendou ao Governo a análise dos problemas do presente e da sustentabilidade futura da rede de farmácias.

Foram 23 minutos de esperança no nosso futuro.

Esperança quase perdida após o período de intervenção da Troika, com medidas que levaram o sector "ao tapete", e que até hoje nunca foram rectificadas.

Os credores, os fornecedores, os bancos, as falências, os planos especiais de recuperação e as transacções forçadas invadiram as farmácias.

Sobreveio agora o novo coronavírus, com consequências negativas na queda global da procura de medicamentos, verificada a partir de Abril.

Apesar das adversidades, continuamos a lutar pelo futuro do sector e a desempenhar bem a nossa missão de serviço público.

Temos sido heróis no combate à COVID-19, enfrentando com coragem e em circunstâncias muito difíceis o risco de contágio da doença.

O sector, entretanto, precisa de soluções. As farmácias não podem continuar a viver com a margem actual. Tem de ser encontrada uma solução que ponha fim à discriminação negativa do sector.

Para isso, deve ser reconhecido às farmácias o direito à margem média dos países de referência, escolhidos pelo Governo para a fixação dos preços dos medicamentos em Portugal.

Para além deste aspecto, há um vasto campo de matérias em que é possível e desejável uma colaboração entre as farmácias e o SNS.

Na aproximação do SNS aos cidadãos, na distribuição de medicamentos hospitalares, no combate às doenças crónicas, na adesão à terapêutica, na entrega de medicamentos ao domicílio, no serviço de turnos e em tantos outros serviços, as farmácias têm uma ampla capacidade de colaboração em benefício de todos.

O que não podemos é continuar a prestar serviços gratuitamente.

Se o Governo valoriza os serviços prestados pelas farmácias, deve definir as condições justas da sua remuneração.

O Governo deve esclarecer, em diálogo connosco, o que é que pensa sobre o papel da rede de farmácias no sistema de saúde.

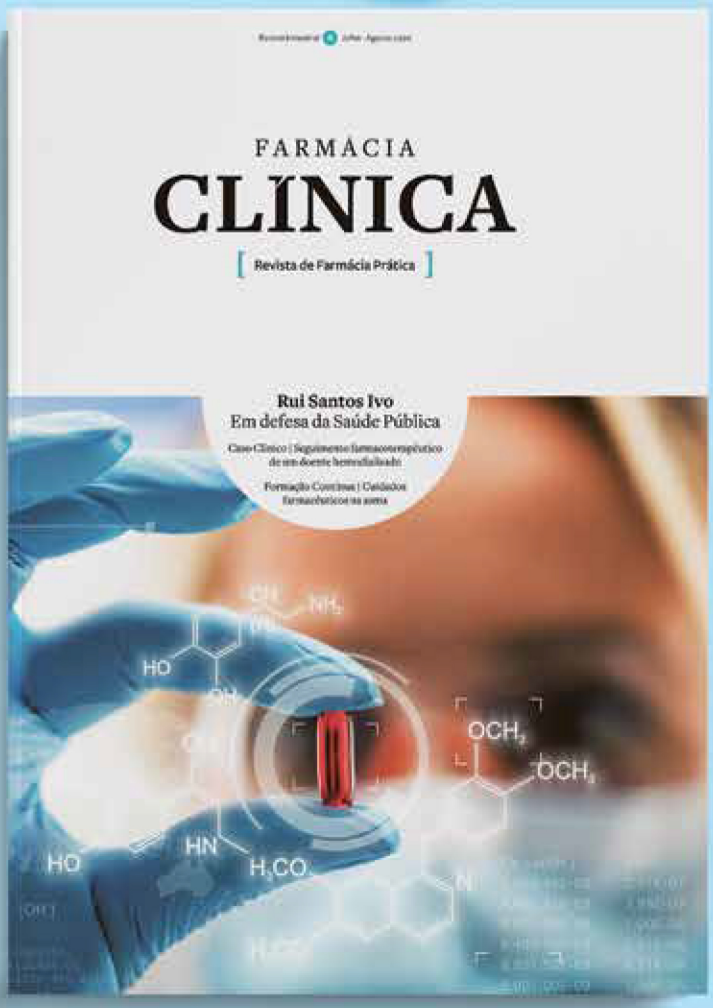
A nossa atitude continua a ser positiva.

Estamos organizados, tecnicamente preparados e com vontade de estabelecer uma relação com o Serviço Nacional de Saúde útil para os doentes, para o funcionamento do sistema de saúde e para as farmácias.

O parlamento deu-nos, no dia 27 de Maio, 23 minutos de esperança.

Aguardamos agora que o Governo responda às nossas iniciativas, transformando a esperança em confiança no futuro.

Só para Farmacêuticos



A revista **FARMÁCIA CLÍNICA** é um novo projeto da Hollyfar (editora das revistas FARMÁCIA DISTRIBUIÇÃO, MARKETING FARMACÊUTICO e VIVER SAUDÁVEL), **exclusivamente dirigida aos Farmacêuticos. Todos os Farmacêuticos**, quer estejam nas Farmácias Comunitárias, nos Hospitais, nas Unidades de Saúde Pública, nas Clínicas de Hemodiálise e nas diversas ARS.

Na revista **FARMÁCIA CLÍNICA** encontrará **informação de caráter técnico**, de fonte credível e respeitada, ao mesmo tempo que encontra **o espaço ideal para a partilha de ideias e publicação dos seus trabalhos**. O conteúdo da **FARMÁCIA CLÍNICA** terá uma orientação eminentemente prática, tendente a **auxiliar o farmacêutico no seu desempenho profissional quotidiano, onde quer que exerça.**

A **FARMÁCIA CLÍNICA** chegará bimestralmente aos farmacêuticos, nos seus vários locais de trabalho. No entanto, **para garantir que não perde nenhuma edição, preencha o formulário disponível através do QR Code abaixo ou através do portal Netfarma (www.netfarma.pt)**. Após o preenchimentro do formulário e respectiva submissão, receberá um email a solicitar a validação dos seus dados (para efectivar a sua validação, será necessário o envio de cópia/digitalização da sua Carteira Profissional).

Se tiver alguma questão acerca da **FARMÁCIA CLÍNICA**,
contacte-nos através do telefone **218 110 100**
ou email: **assinaturas@netfarma.pt**.

hollyfar

OBRIGADO
NUNCA HAVERÁ UM OBRIGADO SUFICIENTEMENTE GRANDE
PARA EXPRIMIR A NOSSA DÍVIDA E GRATIDÃO A
TODOS OS PROFISSIONAIS
QUE ESTÃO NA LINHA DA FRENTE NO COMBATE
À PANDEMIA DA COVID-19.
AZEVEDOS
Genéricos
Há mais de dois séculos, o seu parceiro na vida.
2003PAGEN003
Laboratórios Azevedos - Indústria Farmacêutica, S.A. Estrada da Quinta, 148 Manique de Baixo • 2645-436 Alcabideche
Tel.: (+351) 21 472 59 00 | Fax: (+351) 21 472 59 90 | mail@azevedos-sa.pt | Matricula na C.R.C. da Amadora e contribuinte n.º 507474287
www.grupoazevedos.com